

CRESCIMENTO, CORPORALIDADE E IDENTIDADES DE GÊNERO
ENTRE VELEJADORES DA CLASSE 420

Por
Sara Sousa Mendonça

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
Niterói, dezembro de 2010

Monografia apresentada como requisito para a
obtenção do título de bacharel em Ciências
Sociais.

Orientação:

Luiz Fernando Rojo

Departamento de Antropologia

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

Niterói, dezembro de 2010

A dedicatória que eu preferia que nunca fosse feita:
a memória de Ana Beatriz de Sousa, minha SuperAna.

Agradecimentos

“A vida é a arte do encontro”

Vinícius de Moraes

Escrever a monografia toda e escrever esses agradecimentos são tarefas de dificuldade comparáveis: por um lado acadêmico, por outro emocional. Em ambos os casos eu posterguei bastante, mas chegou a hora de dizer tchau.

Imprescindível agradecer a minha família, em especial a minha mãe, meu pai e minha irmã: cada um a sua maneira me incentivou e permitiu que eu seguisse o meu caminho. Mais do que a Faperj ou a qualquer outro órgão de financiamento agradeço a Fundação Mendonça, que me concedeu o privilégio de ser sua primeira beneficiada.

Agradeço a UFF que me acolheu neste intercambio interestadual e que me proporcionou inúmeras e fantásticas alegrias, lembranças e, claro, a melhor parte desta experiência universitária: as belíssimas viagens pelo Brasil a fora.

Aos amigos da UFF, companheiros de estudos, conversas, viagens, cantareiras, lindas tarde sentados a sombra pelos banquinhos do Gragoata e indizíveis histórias, todos que compartilharam seu dia-a-dia comigo e que compartilharam do meu. Recuso-me a citar nomes, poderia ser de uma injustiça muito grande e fecharia o círculo, o prefiro assim, aberto: aqui sempre vai ter espaço para mais um.

Agradeço a todos do Iate Clube Brasileiro que acolheram a minha pesquisa e permitiram que eu compartilhasse de um espaço importante de suas vidas, em especial ao grupo da 420, pessoas que, após um estranhamento antropológico inicial, aprendi a respeitar e admirar. Fica aqui o desejo e a torcida de que todos eles possam crescer cada vez mais como velejadores e, por fim, alcancarem o almejado “sonho olímpico”.

A todos que em algum momento participaram da “equipe da vela”, companheiros de curso e pesquisa cujas observações e a troca de ideias foram fundamentais para a minha compreensão daquele espaço, e consequentemente a construção deste trabalho.

A professora Inês Patrício, por ter acreditado em mim logo no início, e a todos os professores da UFF que me deram aula, me encantaram e instigaram.

E, por fim, a Luiz Rojo, o orientador mais dedicado e presente que eu poderia querer, pelo fato de ele acreditar mais em mim do que eu mesma, e de isso acabar me levando além do que eu esperaria e pela paciência de amigo com as minhas crises acadêmico-existenciais.

Resumo

Esta monografia é produto do trabalho de campo realizado entre velejadores, no Iate Clube Brasileiro, em Niterói. Nela busco pensar sobre a forma ocorre a transição entre a classe infantil Optimist, para a classe juvenil 420, como se dá a substituição das técnicas (MAUSS, 2003) e habitus corporais (BOURDIEU, 1983) de uma para a outra, através da relação entre o saber prático e teórico.

Abordo a forma como a construção da identidade de velejador leva a formas de amizade específicas, as distintas corporalidades e identidades de gênero ali encontradas, e os mecanismos pelos quais a masculinidade é construída naquele espaço.

Palavras-chave: trabalho de campo; crescimento; corporalidade; identidades de gênero; masculinidade.

Sumário

Introdução	7
I Estando lá no mar	10
II A construção dos velejadores	24
III Corpo e gênero	35
IV Considerações finais	47
V Referências bibliográficas	50

Índice de figuras

I. A Generosa	12
II. Largada dos Optimists	15
III. “Ele”	16
IV. “Ela”	17
V. Comemoração após o Campeonato Estadual de 420	29
VI. No Campeonato Estadual	36
VII. As marcas	44

I

Introdução

No bandejão, durante a janta, com Gabi e Diego, em uma sexta feira de quaresma, conversando sobre o fato de o bandejão servir peixe em uma sexta feira de quaresma. Até aí nada de mais, tudo cotidiano, eis que surge Carol: “*Vocês querem uma bolsa?*”, “*Opa!*” respondemos quase que em uníssono. Carol explica que se trata de Luiz Rojo, um professor da Antropologia que acabou de entrar para a UFF, foi seu orientador na monografia, e está montando um grupo de pesquisa para estudar questões ligadas aos velejadores de Niterói, diz que ele é muito exigente, mas muito bom.

A Gabi estava sem bolsa, o Diego fazia parte de uma pesquisa, e eu então estava aguardando o resultado da Faperj para ver se conseguiria enfim minha bolsa de Iniciação Científica, dentro de uma interfase entre a Ciência Política e a Economia, sob a orientação de Inês Patrício. Mesmo assim a proposta surgida assim do inusitado me empolgou, uma vez que já vinha a tempos buscando uma maneira de direcionar meus estudos para a Antropologia, sem grandes sucessos. Empolgou também a Gabi, acredito que pelo fato de sabermos a diferença que faz realizar uma IC para nossa formação acadêmica. E claro, tanto para mim quanto para ela, uma bolsa que aparece assim como que caindo no colo não é de se jogar fora. Diego disse que não tinha tempo para se dedicar a outras atividades, mas passou a informação para o seu amigo Viana. Assim estava fechada a primeira formação da equipe da vela: Felipe Viana, Gabriela Rodrigues e Sara Sousa, sob a coordenação de Luiz Rojo.

Claro que a forma como chegamos a isso merece uma reflexão sobre os caminhos pelos quais se dão as distribuições de bolsas e oportunidades dentro do curso de Ciências Sociais da UFF, ou seja, como o dinheiro público é aplicado dentro de critérios de pessoalidade, e como isso limita a divulgação das oportunidades existentes, motivo pelo o qual até então eu não havia tido sucesso em ingressar em uma pesquisa de Antropologia.

Vale ressaltar que a minha IC com a Inês Patrício não seguiu caminhos muito distintos (ocorreu através de um amigo que tinha começado a pesquisar com ela após uma conversa de fim de aula) e que após quase um ano na equipe da vela – ou seja, após ter me inserido dentro de um círculo de confiança - foi me pedido que fizesse o mesmo que a Carol fez: procurar entre os meus amigos aquele que considerasse bom e responsável o bastante para ser bolsista de uma professora. Minha experiência nesse sentido mostra o quanto a indicação também não é garantia de encontrar a pessoa mais qualificada, pois uma vez que este pedido ficou na minha página de recados do Orkut apareceram vários interessados me pedindo a indicação, afinal uma vez que o critério é

pessoalidade ele passa pela amizade e pelos papéis correspondentes esperados dela. Uma vez que não é a capacidade de a pessoa ser ou não um bom antropólogo que me leva a ser amiga dela, fiquei em uma saia justa, da qual a solução que encontrei foi me abster de indicar alguém.

Portanto meu objetivo ao retratar a cena acima é justamente apontar para essa questão institucional problemática, para que se possa pensar em meios mais justos – e eficientes – para as distribuições de bolsas e oportunidades.

Além das minhas motivações acadêmico-financeiras, é claro que eu não entraria em qualquer pesquisa aleatória somente com base nisso, o tema da Antropologia do Esporte, do Corpo e do Gênero me atraiu bastante, uma vez que sempre tive uma tendência a gostar dos temas menos discutidos. Vale ressaltar que a resposta ao meu pedido de bolsa na Faperj foi positiva, e durante o ano de 2009 levei as duas pesquisas em paralelo, acabando, que ao contrario da proposta inicial, da pesquisa da vela não veio nenhuma bolsa, e mesmo assim ela foi a que mais me motivou, a ponto de continuar nela mesmo sem bolsa e de ela acabar se transformado nessa monografia.

Bom, uma vez fechada a primeira formação da equipe fizemos uma primeira reunião na qual fomos apresentados ao projeto de Rojo “CORPORALIDADE E IDENTIDADES DE GÊNERO ENTRE ATLETAS DE VELA EM NITERÓI”, cuja as questões norteariam nossas primeiras idas a campo e dentro do qual elaboraríamos nossas próprias questões. Foi também feita a distribuição sobre quem atuaria em cada campo, contávamos então com dois campos distintos: ficamos eu e Luiz no Iate Clube Brasileiro, e Gabi e Viana no Projeto Graef¹.

Passamos a nos reunir quinzenalmente para debater textos que nos orientariam para a entrada em campo, e durante este período ganhamos uma nova integrante: Ana Beatriz Cunha, que iria a campo também no ICB, passando posteriormente a acompanhar o terceiro campo que foi aberto, o da equipe de vela paraolímpica. Com a entrada em campo continuamos com as reuniões de equipe, debatendo textos e temas trazidos do campo, o que foi muito produtivo, pois conseguimos ajudar uns aos outros a compreender aquele espaço. Posteriormente contamos ainda com o ingresso de Gabrielle Cotrin e Bárbara Moraes à equipe.

Dos capítulos

Esta monografia se estrutura em uma introdução, seguida por três capítulos, respectivamente intitulados: Estando lá no mar, A construção dos velejadores e Corpo e gênero.

No primeiro, como de costume, abordarei as bases metodológicas desta pesquisa, que se originou do período que totaliza cerca de um ano e meio de trabalho de campo entre velejadores.

¹ Explicações sobre estes espaços ao longo do trabalho.

Início o texto com a forma como se deu minha entrada e inserção em campo, buscando através da escrita descritiva familiarizar o leitor com este esporte, passando pelos objetos teóricos que enfoquei até chegar ao tema principal aqui abordado. Importante ressaltar que, com a mudança destes objetos teóricos, meu espaço dentro do campo também foi se modificando, colocando a divisão que eu faço entre o meu primeiro e o segundo períodos em campo, cabendo entre os dois uma reinserção no local em que desenvolvi esta monografia.

No segundo capítulo abordo a forma como se dá a construção de um velejador naquele espaço, desde o seu ingresso na escolinha de Optimist enquanto criança até a escolha posterior de qual classe seguir, até a discussão sobre o quanto a inserção no modo de vida da vela afeta outros espaços da vida, como o reconhecimento de que apenas outro velejador pode ser capaz de compreender as imposições que esta prática coloca na forma desses jovens poderem viver o que consideram uma adolescência normal. E, associado a esta ideia, aparece o conceito de controle social-familiar do tempo livre, que vê na dedicação esportiva um meio positivo de manter seus filhos afastados dos possíveis perigos do “mundo lá fora”.

Ainda neste capítulo analiso a distinção fundamental para o entendimento da discussão sobre identidades de gênero, realizada no último capítulo. Entre as duas duplas que acompanhei, a dupla masculina é tida como a melhor, mais dedicada e firmemente comprometida com a valorizada categoria de “sonho olímpico”, que está em muito vinculada à tradição familiar. Em oposição, a dupla feminina não aparece como fortemente comprometida com esta categoria, sendo por vezes referidas como “*lerdinhas*” e “*burrinhas*”, ou “*boas, mas desligadas*”.

Neste capítulo, por fim, abordarei como ocorre a transição entre a classe infantil e a juvenil, onde parto das contribuições teóricas sobre as técnicas corporais de Marcel Mauss e o conceito de habitus de Pierre Bourdieu, para interpretar que esses atletas chegariam à nova classe carregando uma técnica de Optimist (um habitus de Optimist), e teriam de substituí-la pela da nova classe. O caminho para efetuar essa substituição passa pela relação entre saber prático e teórico, na qual me utilizo dos referenciais teóricos propostos por Lïc Wacquant e, novamente, Bourdieu.

No capítulo três continuarei a explorar as questões de corporalidade, agora através de uma articulação com a temática das identidades de gênero. Início com uma discussão sobre como o corpo é pensado neste esporte, que não possui um tipo físico ideal, mas sim um ideal para cada função exercida dentro do barco, e como se dá os discursos sobre a corporalidade das meninas e a dos meninos.

Sigo com as questões de gênero, buscando realizar uma análise mais descolada da visão que entrelaça gênero e sexo biológico sobre o mesmo rótulo, buscando perceber quais são as outras performances de gênero existentes naquele espaço. E, por fim, abordo por quais mecanismos as masculinidades são construídas e reafirmadas naquele espaço

I

Estando lá no mar²

Minha pesquisa de campo se iniciou em julho de 2009 e se estendeu até o final desse mesmo ano, sendo interrompida por uma série de fatores que podemos colocar na categoria de “imponderáveis do trabalho de campo”, acarretados também por uma mudança de questões teóricas a serem abordadas. Em um primeiro momento meu enfoque era na relação entre os praticantes tradicionais da vela e os novos integrantes, buscando entender como se daria a inserção dos alunos de projetos sociais de vela, nesse meio que carrega o rotulo de “de elite” e onde a tradição familiar possui um grande peso.

Posteriormente o enfoque passou a ser os praticantes da vela paraolímpica ou adaptada, tema onde a Antropologia do Corpo poderia ser trabalhada de forma bastante rica, ainda mais considerando que a equipe brasileira enviada aos jogos paraolímpicos de Pequim treina em Niterói. Nesse ponto entra os imponderáveis do trabalho de campo, pois essa equipe, pela própria forma como se estrutura o esporte de competição em alto rendimento, interrompeu os treinos e está no momento passando por uma reestruturação após não ter sido classificada como representante brasileira para as Paraolimpíadas de 2012 em Londres.

Assim me direcionei para outra temática que já havia sido apontada, mas ainda não desenvolvida: como já citado na introdução orientei meu trabalho para a classe 420, buscando relacionar o momento de transição e crescimento que ela engloba com as questões de corpo e gênero. Com essa nova temática veio o retorno ao campo, no período de junho a novembro de 2010. Ressalto que estes são momentos distintos no campo, com características particulares que detalharei melhor a seguir. Para referências posteriores a esses distintos períodos no texto os chamarei simplesmente de primeiro período, e segundo período em campo, respectivamente.



Após pegar o ônibus 17, no centro da cidade de Niterói, desci pela primeira de muitas

² O título e formato não-ortodoxo desta introdução foi em grande medida inspirado pela discussão feita por Geertz em “Estar lá: a antropologia e o cenário da escrita”, onde este autor afirma que a autoridade etnográfica do antropólogo está em sua capacidade de provar que realmente esteve lá:

“A capacidade dos antropólogos de nos fazer levar a sério o que dizem tem menos a ver com uma aparência factual, ou com um ar de elegância conceitual, do que com sua capacidade de nos convencer de que o que eles dizem resulta de haverem realmente penetrado numa outra forma de vida (ou, se você preferir, de terem sido penetrados por ela) – de realmente haverem, de um modo ou de outro, 'estado lá'.” (2005:15)

vezes no meio da estrada Fróes, na íngreme rampa de acesso ao Iate Clube Brasileiro³. Comigo estavam outros dois membros da equipe de pesquisa: o professor Luiz Rojo e minha colega de curso Ana Beatriz. Buscávamos a pessoa indicada pelo nosso contato prévio, um velejador do clube e também professor da UFF. Foi essa pessoa que, esperávamos, nos abriria as portas e forneceria o acesso ao clube para desenvolvermos a pesquisa.

Ao contrário do que é indicado pela teoria, que afirma ser necessária a construção prévia de um objeto teórico para depois escolher o campo onde as questões relacionadas a ele seriam mais latentes⁴, fui sem nenhuma questão formulada. Aquele espaço era completamente novo para mim, que nunca fui sócia de nenhum clube, e para quem a vela como esporte eram apenas barquinhos que compunham uma bela paisagem no fim de tarde da Baía de Guanabara, ou então notícias esparsas durante os Jogos Olímpicos, que abordam esse esporte como um que quase ninguém assiste, mas que é capaz de alavancar o Brasil no quadro de medalhas⁵.

Informada por toda a teoria e tristes histórias de difícil e até negado acesso a entrada em campo, e tendo em vista que o clube é um espaço privado, ao qual pessoas das classes médias e altas pagam para ter acesso, foi grande a minha surpresa ao perceber que, após uma breve conversa, as portas não só nos foram abertas: foram praticamente escancaradas. Ainda não era claro para eles do que se tratava a nossa pesquisa – será que algum dia, em algum caso, é encontrada tal clareza de entendimento por parte dos nativos? - e mais tarde seríamos perguntados sobre quando e em qual jornal sairia a matéria que estávamos escrevendo, mas o fato é que mesmo assim foram providenciados os meios para acompanharmos os eventos daquela mesma tarde, sem sequer pedirmos.

A exceção da abordagem relativa a projetos sociais⁶ a vela não tem sido foco de estudos acadêmicos, e se isso poderia ser um elemento contra uma boa entrada em campo, com um possível repúdio ao desconhecido e a não aceitação da figura do pesquisador, se mostrou muito favorável pois praticantes de empolgaram com o fato de haver pessoas interessadas em estudá-los⁷. Além

³ Localizado num dos pontos mais belos da enseada de São Francisco em Niterói o Iate Clube Brasileiro é o primeiro clube de vela do Brasil. Fundado em 1906 mantém até hoje, suas tradições náuticas – retirado de <http://www.icb.org.br> em 01/12/2010.

⁴ No texto “O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever”, Roberto Cardoso de Oliveira expõe que o correto segue a proposição de Geertz de que “os antropólogos não estudam *as* aldeias, estudam *nas* aldeias”, ou seja, primeiro deve se escolher uma temática, um campo de estudo, auxiliado pela reflexão teórica, para posteriormente buscar o locus onde determinada questão se apresenta de forma mais evidente e a partir daí então iniciar o trabalho de campo, sem se excluir, obviamente, os efeitos que a imersão em campo produzem sobre a hipótese original, podendo complementa-la, mostra-la inútil, modifica-la completamente, etc.

⁵ A vela é o esporte brasileiro com maior número de medalhas olímpicas. São 6 de ouro, 3 de prata e 7 de bronze, somando um total de 16 medalhas. Um número significativo delas foi conquistada por velejadores de Niterói.

⁶ DAVIES, Julio, 2006.

⁷ Nossos companheiros de pesquisa que realizaram campo no Projeto Graiel não tiveram a mesma sorte: por este se foco de diversas pesquisas esses companheiros herdaram uma rígida política de controle de intenções e principalmente de cobrança de resultados, certamente devido a pesquisadores que no passado não tiveram grande zelo com relação aos seus pesquisados.

disso, acredito que esteve ao nosso favor um fator que não havíamos chegado a levar em conta, que é o peso do nome de uma universidade federal em uma cidade como Niterói, que em determinados aspectos mantém características associadas às cidades pequenas.

Após um lanche na cantina do clube, fomos colocados na Generosa, uma traineira que seria a comissão da regata⁸ que ocorreria logo mais, naquela tarde. Para quem esperava se ver no píer observando à distância por um longo tempo, essa permissão e incentivo de acesso ao barco e ao mar foi muito estimuladora, afinal se Malinowski teve de ver “a lancha ou o barco que o trouxe afastar-se no mar até desaparecer de vista” (1984:19) para *estar lá*, no nosso caso era necessário o caminho inverso, rumo ao mar.

foto de Sara Sousa



A Generosa - Traineira que foi usada naquele dia como comissão de regatas. Dentro dela pode-se ver uma das bóias usadas para demarcar o percurso e as diversas bandeiras de sinalização.

⁸ A comissão de regatas é o barco onde ficam os responsáveis pela organização das regatas, ela que define e demarca, com o uso de bóias, qual o percurso a ser feito. Nela são erguidas as bandeiras que sinalizam as instruções para a largada, por tempo e por classe. Ao mesmo tempo, ela estabelece a linha de largada - uma linha imaginária traçada a partir do mastro deste barco e uma bóia, assim como a de chegada, momento em que os membros da comissão irão anotar a ordem de chegada dos barcos, soando uma buzina a cada vez que um deles cruza a linha. (Figura 1)

De dentro do barco começamos a perceber e desenvolver um tipo diferente de relação com a cidade, semelhante (porém nunca igual⁹) a que aquelas pessoas dali possuem: pelo mar os caminhos de um lugar a outro são completamente diferentes. Para se chegar do ICB ao Clube Naval não é necessário sair pela estrada Fróes, pegar a avenida que beira a praia de São Francisco para então chegar ao seu outro extremo, basta atravessar a pequena Baía de São Francisco e encostar no píer do outro clube, da mesma forma Copacabana aparece logo ali, e meses mais tarde eu iria em um pequeno barco a vela, com uma tripulação de apenas quatro pessoas, até as proximidades de Botafogo, viagem que me rendeu a única medalha que ganhei em algum tipo de atividade esportiva em toda a vida, de ouro diga-se de passagem¹⁰.

Na Generosa vai um professor de vela e um simpático marinheiro do clube. Começam aí as primeiras explicações que ouvirei sobre esse esporte: o percurso a ser feito é demarcado por bóias que os barcos devem contornar, elas são colocadas levando em consideração o vento do dia, assim como o caminho a ser feito de uma bóia a outra também não é necessariamente em linha reta, mas sim de acordo com estratégias a serem seguida de acordo com o imposto pelo vento. Demarca-se assim outro elemento fundamental além da relação com o mar, a relação com o vento, que aparece no depoimento de que

“Meu pai queria que eu fosse velejadora igual ele, mas não sei, ficar naquele barquinho, praticamente um caixotinho de madeira, sozinha no meio do mar... eu travava! Eu morria de medo! Aí eu fui fazer parapente e ele ficou feliz: pelo menos lidava

⁹ Favret-Saada, em seu texto *Ser afetado*, fala dos afetos e da forma como eles podem atuar no trabalho de campo:

“Afirmo, ao contrario, que ocupar tal lugar no sistema de feitiçaria não me informa nada sobre os afetos do outro; ocupar lugar afeta-me, quer dizer, mobiliza ou modifica meu próprio estoque de imagens, sem contudo instruir-me sobre aquele dos meus parceiros.

Mas – e insisto nesse ponto, pois é aqui que se torna possível o gênero de conhecimento que viso – o próprio fato de que aceito ocupar esse lugar e ser afetada por ele abre uma comunicação específica com os nativos [...]” (2005:159)

Seguindo essa colocação é impossível pensar uma forma de acesso ao que o outro sente e pensa nos moldes da empatia, sendo somente possível se abrir para esse afetamento, mas tendo sempre em vista que não é possível pensar e sentir como o outro.

¹⁰ Me rendeu também o prêmio mais estranho que jamais esperaria ganhar durante um trabalho de campo: era uma regata somente para mulheres, a Regata Elas, e ao final da cerimônia de entrega de medalhas eram sorteados uma serie de prêmios. A quantidade era de tal forma que todas as participantes recebessem um - jogo de facas, kit churrasco, kit-caipirinha, tratamento em clinicas dermatológicas etc.– e, ao final, seria sorteado um prêmio extra, o mais cobiçado pela maioria: um vale-motel de um estabelecimento de luxo em Botafogo.

Ganhei o prêmio, um rosto vermelho em chamas sem saber o que fazer, a inveja de todas as mulheres presentes, incluindo uma senhora de idade que ria e gritava enquanto eu recebia o vale “*Você não tem idade para isso não! Você já faz isso? Meu Deus!*”, e diversas fotos registrando esse momento no site do Clube Naval.

com o vento.”

Filha de membro da primeira tripulação brasileira a conquistar medalha em competição internacional.¹¹

Na vela, cada tipo de barco corresponde a uma classe diferente. Naquele dia a regata seria da classe Optimist, a mencionada na fala acima, um barquinho pequeno, de vela de quatro lados, atualmente não mais feito de madeira, mas de fibra, exclusivo para crianças e jovens até 15 anos. Próximo dali também ocorria o treino de velejadores de outra classe, a Laser.

Orgulhoso, o professor nos apontava e ressaltava todos, entre os pequenos velejadores dos diversos clubes de Niterói que ali estão, que foram seus alunos, e todos que foram campeões de campeonatos importantes: o atual campeão brasileiro da classe e a campeã brasileira entre as mulheres, e treinando próximo dali, uma moça de cerca de 20 anos, também com colocação excelente no campeonato brasileiro de Laser que, pelos discursos, parecia ser a grande promessa para as olimpíadas de 2012.

Para compreender essas colocações, mais um critério da vela deve ser analisado, e foi o que nos levou a ela em primeiro lugar: a vela é um dos poucos esportes onde homens e mulheres competem juntos¹², mas ao final a colocação pode ser separada. Assim tanto o menino quanto a menina apontados eram campeões brasileiros, ele no geral e ela no feminino, e a moça era então campeã brasileira no feminino de Laser.

Logo de início esse orgulho demonstrado pelas estrelas do clube, e os bons títulos que elas carregam, nos situou de que, afinal, estamos mesmo na capital nacional da vela, cidade de onde vieram a maior parte dos medalhistas olímpicos e estão em gestão as promessas futuras de vitória.

Tocou a buzina de um minuto para a largada, observamos inúmeros barquinhos com crianças do ensino fundamental, algumas tão pequenas que nos impressionou a independência com que elas manejavam seus barcos, sozinhas em meio ao mar. Os barcos se “acotovelavam” na linha de largada, buscando o melhor lugar com relação ao vento e com o cuidado de não queimarem a largada¹³ - e cuidado maior ainda de forçar o oponente a queimar. Os xingamentos proferidos nesse momento deixariam qualquer educador de cabelos em pé, e nos fazem desconstruir mais uma vez a ideia que temos de “criança”, indo desde os sutis “*Mermão! Você tá no meu sotavento! Vaza!*” até “*Filha da puta!*” e “*Seu viado desgraçado! Vou enfiar esse leme no teu cu!*”. (Figura 2)

É iniciada a regata, o dia que começou com um solzinho gostoso escureceu e o vento começou a soprar fortíssimo, não faço a menor ideia de qual ponto cardeal vinha este vento, e mesmo se soubesse como determinar isso não conseguiria, pois meus cabelos voavam

¹¹ Depoimento obtido pela companheira de pesquisa Gabrielle Cotrin.

¹² O outro é o hipismo. Para mais sobre a questão de gênero nesse esporte ver em: Rojo (2008).

¹³ A queima da largada ocorre quando se ultrapassa a linha imaginária citada na nota 7.

ensandecidamente sobre meus olhos, custando a serem controlados. Na Generosa, agora, estavam também alguns meninos considerados inexperientes demais para velejarem com tal vento, e a velocidade deste é medida com um aparelhinho que mostrou rajadas de até 15-16 nós (uma nova medida a ser incorporada ao meu vocabulário). Nessa intensidade de vento a probabilidade do barco virar é grande e, pior ainda, dele quebrar. Projetado para ser um barco de iniciação à vela, barato, no qual todos que quisessem praticar o esporte teriam oportunidade, o Optimist passou por uma série de aperfeiçoamentos que encareceram seu valor: hoje o preço de um barco novo é de cerca de cinco mil reais.

“Pela'mor de Deus, hein filho! Com esse vento, se entrar uma rajada, deixa o barco virar. Vai pra água, mas não me quebra esse mastro, que esse barco tá novinho, eu acabei de comprar!”

Pai de velador, para o filho.

foto de Sara Sousa



A largada dos Optimists – Figura 2

Em meio às retiradas e barcos virados a regata continuava e os dois campeões – o menino e a menina - continuavam sendo alvo dos comentários do professor, sendo destacadas suas habilidades, títulos e também sua tradição familiar, ambos vem de famílias de velejadores, no caso do menino incluindo medalhistas olímpicos. Com exceção do momento da largada com os demais, ambos corriam uma regata à parte, sendo que um era o único oponente com quem outro deveria se preocupar. Naquele dia ela foi quem se saiu melhor, provocando a “zoação” do professor sobre o garoto, de que ele tinha *“perdido para mulher”*.

foto de Sara Sousa



“Ele” - Ainda no momento da largada, pode-se observar no canto esquerdo “ele”. (Figura 3)

Sai do clube com os braços e rosto cobertos pela maresia, formando pequenos cristais de sal sobre a pele, sensação que descrevi como a de ser uma salada de alface com tomate, temperada com muito azeite e sal. Pisar em terra firme novamente me fez perceber o quanto estou mareada, ao

ponto de, ao chegar em casa, meu quarto inteiro se balançar no ritmo do mar, como se eu estivesse em um mal porre do qual não conseguisse sair, e escrever meu diário de campo se mostrar uma tarefa impossível, já que as linhas teimam em dançar na tela do meu computador. Mas poderia ser pior, ao menos não cometi nenhuma gafe vergonhosa como vomitar no barco, ou então, meu medo extremo, cair nas sujas águas da Baía de Guanabara, pelas quais eu nutria imenso nojo.

foto de Sara Sousa



“Ela” - Velejando durante a regata. (Figura 4)

Alguns meses depois acompanhei o desempenho de ambos no Campeonato Mundial de Optimist, sediado pelo Clube Naval Charitas de Niterói, no qual nenhum dos dois teve desempenho excepcional. No período deste campeonato, o garoto já estava treinando para ingressar em outra classe: estava para fazer 15 anos, a idade limite para o Optimist, e a garota estava então com 14 anos, quase na idade de fazer também essa transição. Assim a justificativa para esse desempenho foi de que eles já não estavam mais com a atenção total naquela classe, mais sim vislumbrando algo para o futuro.

● ● ●

Os meses de trabalho se passaram, e, como já dito, diversos recortes teóricos me

ocorreram. Vários erros cometidos e corrigidos me levaram a uma maior adaptação àquele espaço; foi necessário as pessoas me deixarem claro, através de “zoações” leves, que *“não, calça jeans não é uma roupa aceitável para a vela, mesmo para quem não veleja!”* e, assim como ocorreu com Wacquant (2002) que, durante sua etnografia com os boxeadores, apareceu para dar uma palestra na universidade ostentando um olho roxo, muitas vezes passei semanas inteiras exibindo uma bela cor de pimentão e incluí novas sardas à minha coleção, até deixar de ser teimosa e reconhecer que o grande filósofo de corrente de e-mail e apresentador de *reality show* brasileiro, Pedro Bial, tinha razão em um ponto: *“mas no filtro solar acredite”*¹⁴. Na intersecção dos dois aprendizados descobri que é possível queimar a pele *através* da calça jeans.

Nesse meio tempo também minha relação com o mar mudou, não só no sentido já falado no início de vê-lo com suas possibilidades de mobilidade e transporte, mas do desaparecimento progressivo da sensação de estar “mareada” após um dia em campo e também de transforma-lo em um espaço ocupável de forma mais ampla, novamente se aproximando mais da visão dos nativos. Se antes de iniciar o campo, ao passar pela praia de Icaraí, me indagava como podia haver pessoas se banhando naquelas águas, e atribuí a uma prática das camadas populares, grande foi meu espanto ao ver os filhos da elite de Niterói mergulhando nessa baía conhecidamente suja e poluída. Após voltar para casa, diversas vezes com as roupas encharcadas pelas ondas que batiam no bote, maior ainda foi o meu espanto quando, em um dia quentíssimo de verão, me peguei pensando: “se alguém mergulhar eu mergulho!”.

Do lado dos nativos, uma vez que nossas visitas permaneceram além do tempo esperado a um jornalista, eles viram que realmente ficaríamos por lá por bastante tempo, e quando meu companheiro de campo, o professor Luiz Rojo, decidiu aprofundar a observação participante se inscrevendo na escolinha de vela do clube se iniciou um novo movimento: o de nos trazer para a prática desde esporte, que eles caracterizam como completo, no sentido de unir a prática esportiva com a prática social e de lazer, afirmando constantemente que *“agora vocês não largam mais a vela”*.

Conheci um caso em que esse movimento de ser trazido para o esporte ocorreu de forma bem clara, se trata de uma moça estudante de jornalismo que conheci ao participar do treinamento para a já mencionada Regata Elas. Ela foi apenas para fazer uma série de matérias com os participantes da vela para um trabalho da graduação, e que no curto período de apenas dois meses já passou a integrar a tripulação de um barco, treinando constantemente e participando de regatas.

“Eu vinha aqui fazer as matérias, e de repente já me colocaram dentro do barco, já me ligavam marcando treinos, virei

¹⁴ Referência à crônica do jornalista Pedro Bial, de grande popularidade e circulação através da internet.

integrante da tripulação sem nem perceber bem! Mas eu estou adorando, me faz muito bem, quando estou no barco não penso em mais nada que não seja velejar, é muito bom conseguir uma folga dessas para a mente... Agora estamos vendo de conseguir patrocínio para participarmos de grandes regatas oceânicas, como uma que vai até Fernando de Noronha.”

Estudante de jornalismo, 25 anos.

E assim, ao completar quase um ano desde minha entrada inicial em campo, e após passar pelas duas mudanças de objeto teórico, me vi às voltas com retomar uma questão esboçada nesse primeiro dia em campo: como ocorre a saída da Optimist para o ingresso em uma nova classe. A escolha não foi pensada no sentido de continuar acompanhando a dupla de atletas vista no primeiro dia, mas ocorreu que o novo recorte do campo me levou de novo até eles. Para acompanhar como se dava essa transição eu poderia escolher recortar apenas uma das classes e a escolhida foi a 420, na qual ambos treinam agora, na posição de timoneiros.

Na perspectiva de compreender como se dá esse crescimento entre velejadores, relacionando fases da vida com classes da vela, posso dizer - a semelhança daquela tia inconveniente apertadora de bochechas, - “eu te vi pequenininho lá na Optimist!”. Mas, óbvio, não direi.

O primeiro período em campo

Durante o primeiro período em campo eu acompanhava as aulas da escolinha de vela de Dingue e Laser. Elas ocorriam aos sábados e domingos das 10:00hrs ao meio dia, para a turma de iniciantes, e do meio dia às 14:00hrs para os alunos do pré-regatas¹⁵. Normalmente, nos dias que ia a campo acompanhava as duas turmas, sendo que na primeira o numero de alunos é consideravelmente maior, chegando a cerca de 15 nos dias considerados mais cheios. A aula se inicia com a montagem dos barcos, que em si constitui um aprendizado a ser passado, pois exige a memorização de uma série de procedimentos¹⁶. Normalmente são montados dois barcos da classe Dingue, barco monotipo para duas pessoas, mas que comporta até três, conforme o peso delas e a intenção de didática do momento, e posteriormente passou a ser montado também um barco da classe Laser, para apenas uma pessoa, mais leve e veloz do que o Dingue, com grau de dificuldade maior, pois apenas um velejador tem de dar conta de controlar tudo, assim só os alunos que já

¹⁵ Treinamento para competições.

¹⁶ Os barcos são praticamente desmontáveis por inteiro, o casco é a única parte que não desmonta, de resto tudo o mais deve ser acrescentado a ele: o mastro, a vela, e os cabos que prendem e a controlam, e que são amarrados por tipos específicos de nós.

adquiriram mais experiência vão nele. O número de barcos não permite que todos velejem ao mesmo tempo, assim enquanto uns estão nos barcos os outros aguardam no bote onde fica também o professor, e que segue os barcos passando instruções, e corrigindo os erros. O tempo de espera no bote em si também serve de aprendizado, pois os alunos passam a identificar os erros na prática dos outros, e evitá-los em sua prática.

Durante as aulas da escolinha minha observação tinha sido menos participante¹⁷, ficando no bote que acompanha os demais barcos a vela, junto com o professor e os alunos que aguardam sua vez de velejar, e essa minha postura para eles passava a mensagem dupla de alguém que, ou não se encantou *ainda* pela vela, ou está com medo de entrar no barco, o que levou a uma insistência para que eu adequasse minhas roupas a prática e para que entrasse no barco, culminando com o extremo de um técnico de outro clube, com o qual não havia tido contato direto, ao comentar sobre o “pessoal da pesquisa”, se referir a mim como “*aquela que não quer entrar no barco*”.

O período de proximidade com o verão fez com que o número de alunos aumentasse, assim constantemente encontrávamos pessoas novas nas aulas, normalmente elas já possuíam alguma ligação anterior com o esporte, como alguém da família que veleja e/ou uma prática interrompida. Entre essas novas pessoas que ainda não tinham conhecimento da pesquisa se encontra uma inquietação com relação a essa minha posição de mera observadora (“*como assim você vem aqui e não entra no barco?*”), a partir da qual elas buscam me encaixar em alguma categoria familiar ao meio, o que demonstra que se trata de um meio fechado, no qual há papéis esperados, e não é comum encontrar pessoas “soltas”.

Senti então que minha situação em campo poderia estagnar se não cedesse a essa insistência de entrar no barco, e devido a isso (e também por ter tido a curiosidade desperta e pelo papel de medrosa ser incômodo) enfim entrei nele. A partir disso senti uma maior tranquilização no meio, uma vez que eles podiam então me encaixar em um papel mais familiar, do qual a consequência natural para eles é que eu também me apaixone pelo esporte.

Resumidamente, neste período, partindo do rótulo que a vela carrega de “esporte de elite”- pensando este conceito como o de grupo seletivo - composto por um número reduzido de famílias que detêm grande prestígio, passei a pensar como se dava a incorporação de novos praticantes a esse esporte, dividindo estes em dois tipos: as famílias vindas das camadas médias e altas, mas sem tradição na vela, e os alunos do Projeto Graiel.

Uma das características da vela nos últimos tempos foram mudanças efetuadas na direção de torná-la mais atrativa e televisiva para o público em geral, com o objetivo de que a maior exposição trouxesse mais atenção e investimentos para o esporte. Por outro lado o clima de convivência no

¹⁷ Trabalhando com a terminologia de Magnani (2002) talvez o melhor conceito para descrever essa técnica de pesquisa seja o de “observação de perto e de dentro”.

clube se caracteriza por um espaço de confraternização entre iguais, sendo, portanto, ameaçado por esta popularização.

As conclusões - ainda que não completamente concluídas - que cheguei foram que a insistência em agregar novos membros se refere apenas ao espaço da prática esportiva - onde o barco funcionaria como um mediador social (VELHO: 2001) dentro do qual seria acionada uma identidade comum de velejador – buscando a não interferência no espaço de socialização. A diferença entre as famílias não tradicionais e os membros de projetos estava então na forma como cada um desses grupos interagia com o espaço social, as famílias buscando se impor e os meninos do projeto “reconhecendo o seu lugar”.

O segundo período em campo

O desenvolvimento das questões acima foi interrompido devido a uma situação ocorrida dentro do grupo de pesquisa: o afastamento de Ana Beatriz deixou o campo da vela paraolímpica em aberto. Por se tratar de um campo muito rico me direcionei a ele. Porém como já dito anteriormente não foi possível levá-lo adiante, portanto retomei o campo no ICB, buscando então as questões de crescimento relacionado a fases da vela, que já haviam sido esboçadas anteriormente.

Metodologicamente para este trabalho se faz interessante pensar além da inserção inicial em campo o momento de reinserção, onde o espaço físico do campo é o mesmo, mas os nativos são outros, possuindo relações de poder entre esses novos pesquisados e os antigos, que não podem ser deixadas de lado. Para iniciar o acompanhamento dos treinamentos da classe tive um contato inicial com duas atletas que não mostraram resistência à possibilidade da minha presença em seus treinos, e então busquei falar pessoal e individualmente com o treinador delas, justamente para evitar o acionamento das relações de poder já estabelecidas, afinal o treinador é funcionário da escolinha de vela do clube, da qual os donos já me conheciam, estavam habituados com a presença dos pesquisadores e deram grande apoio a pesquisa, podendo, portanto impor minha presença nesse novo setor também, a despeito dos demais nativos.

Apesar deste cuidado também se fez necessário que minha posição de pesquisadora estivesse bem marcada, e como esses novos nativos não estavam familiarizados com a pesquisa anterior um meio simples que encontrei foi ir no primeiro dia usando uma camiseta da “UFF”, assim, além de acionar o que já foi falado antes sobre o peso da UFF em Niterói, funcionou de certa forma como um crachá, um uniforme de pesquisadora.

A inclusão desta figura da pesquisadora foi difícil de assimilar completamente. O grupo é composto por 4 atletas (uma dupla masculina e outra feminina) e o treinador, que além de terem em comum o treino possuem entre si laços de amizade, o que torna minha presença ainda mais

estranha, pois não me enquadro em nenhum dos dois papéis. Em uma perspectiva que olha o corpo do pesquisador em campo eu não poderia ser confundida com uma atleta, a não ser por um olhar muito desavisado, pois apesar do cuidado com a composição da minha imagem no sentido de roupas e cabelo, sou mais velha que eles, e apesar dos perfis de corpos das atletas serem variados, assunto que abordarei melhor mais a frente, meu próprio corpo não se enquadra em nenhum desses perfis corporais. Assim, minha presença inseriu um novo personagem na interação social desse grupo.

Tornando a pensar sobre a identidade e a corporalidade dos pesquisadores em campo, encontro que, apesar de entre este grupo específico de atletas não haver essa possibilidade de me ver como mais uma velejadora, entre os demais velejadores do clube às vezes essa confusão ocorre, fato que percebo ao chegar à área de convivência social onde ficam os barcos e ser abordada com informações como:

“Hoje o vento está bem forte, se prepara, viu! Às vezes pra pegar esse vento tem de ir até Icaraí, mas hoje é só sair do canal que ele já tá pegando forte.”

Velejador de Laser.

Este grupo se distingue na forma de treinamento do grupo do primeiro período em campo em diversos aspectos: seus treinos ocorrem apenas durante a tarde, horário de vento mais forte, não se concentrando apenas na Baía de São Francisco ou na praia de Icaraí, indo frequentemente para mar aberto. Nenhum aluno fica no bote junto ao treinador, pois o número de barcos é exato para todos velejarem, não sendo estes barcos propriedade da escolinha do clube, como na maioria dos barcos usado nas aulas de Dingle e Laser, e sim dos próprios atletas.

É uma forma de treinamento mais intensiva, no sentido de uma maior ambição: apesar de toda a escolinha de vela ali almejar competições, para eles a competitividade não se atém às pequenas regatas dos clubes locais (na verdade possuem com relação a elas certo menosprezo), buscando competições de maior peso. Esse foi o fator que me levou a não ser vista ali como “aquela que não quer entrar no barco”, pois nesta forma de treinamento a ideia de uma pesquisadora sem grande prática na vela realizar uma pesquisa com o próprio corpo, no estilo de Wacquant, seria inviável e absurda.

Assim, meu lugar no campo durante os treinos permaneceu sendo o bote junto ao treinador, mas desta vez sem compartilhá-lo com os demais atletas, a exceção de alguns momentos. As diferenças continuam, mas ainda não é o momento de destacá-las, elas continuaram aparecendo ao longo dos capítulos a seguir.

Com relação ao uso de nomes e pseudônimos resisti, mais acabei percebendo que em um

grupo pequeno, onde cada um tem uma função única, utilizar pseudônimos se tratava de um artifício falho, pois cada um ali pode ser facilmente identificado pelo seu papel: o timoneiro, a timoneira, o proeiro e a proeira. Assim mantive os nomes verdadeiros dos atletas do 420, e chamando os demais nativos pela posição e papel ocupados dentro do campo, sem citação de nomes.

II

A construção dos velejadores

A iniciação na vela pode ocorrer de maneiras distintas. Pode se dar através das escolinhas de vela, onde há turmas para crianças e adultos, através de relações de parentesco ou amizade com velejadores que integram o novo praticante à tripulação de um barco ou, mais recentemente, via projetos sociais.

Na escolinha de vela para crianças, do clube onde pesquisei, as aulas ocorrem em um único tipo de barco, da única classe de vela com restrição de idade, só podendo permanecer nela aqueles com até 15 anos, o Optimist¹⁸. Assim, as aulas abrangem crianças e jovens dos 8 a 15 anos, seguindo o mesmo sistema das demais aulas já relatadas, nos horários da manhã as turmas iniciantes, à tarde os mais experientes e que já participam de competições. Depois de completados os 15 anos não se pode continuar nessa classe e caminhos distintos serão percorridos a partir daí.

Entre as crianças da classe Optimist é comum encontrar alunos que estão nesta prática mais por desejo paterno do que pelo próprio, onde esta estaria incluída em uma postura de controle familiar do tempo livre por parte dos pais, assim como as demais atividades que preenchem atualmente a agenda das crianças, na forma de diversos tipos de curso, sejam aulas de inglês, dança ou demais esportes.

Esta ideia de controle familiar do tempo livre vem da denominação de Paulo Cesar Rodrigues Carrano (empregada por Guedes, Novaes e Oliveira) de controle social do tempo livre, que é utilizada na análise de projetos sociais, relacionada à ideia presente na nossa sociedade de que o jovem pobre está em situação de risco, com um limiar muito próximo para entrar na vida do crime e que, portanto, o seu tempo deve ser preenchido para evitar o ócio que o levaria a transpor esse limiar, sendo esta “preocupação comum a um sem-número de projetos sociais voltados para crianças e jovens” (GUEDES; NOVAES; OLIVEIRA; 2004, pág. 163)¹⁹.

¹⁸ Barco-escola monotipo e individual, para crianças, que pode ser feito de madeira ou de fibra. (In: Luiz César Faria, s/ano)

¹⁹ Além de Guedes, a crítica a essa postura dos projetos sociais é feita por diversos outros autores, tal como Regina Novaes:

[...] será que os projetos sociais devem ter como mote principal do slogan de “tirar os jovens da criminalidade”? [...] se é verdade que não se pode minimizar a violência como um aspecto marcante na experiência desta geração, também não é preciso considerar todos os jovens como potencialmente criminosos para justificar as ações dirigidas a eles. A segurança pública é um requisito essencial. Ou seja, falar em “políticas públicas para a juventude” é também falar em combate a violência e à corrupção policial e em respeito à cidadania e aos direitos humanos. Mas é muito restritivo (e chega a ser

Sobre essa forma de controle social-familiar do tempo livre podemos recordar Foucault, para quem é no corpo que o poder exercido sobre o indivíduo se inscreve e atua:

“Mas procura-se também garantir a qualidade do tempo empregado: controle ininterrupto, pressão dos fiscais, anulação de tudo que possa perturbar e distrair; trata-se de constituir um tempo integralmente útil; (1996:137)

[...]

No bom emprego do corpo, que permite um bom emprego do tempo, nada deve ficar ocioso ou inútil: tudo deve ser chamado a formar o suporte do ato requerido.” (1996:138)

Meu ponto principal aqui, ao me apropriar de uma denominação que vem sendo utilizada para a análise de projetos sociais, busca encontrar seus paralelos dentro das camadas médias e altas, rompendo com a visão que coloca camadas baixas e médias e altas como em oposição completa uma a outra, mostrando que certas noções possuem sim equivalência, como a ideia aqui presente da juventude como fase de risco²⁰, tal como enfatizado por Rojo:

“Deste modo, a partir desta análise comparativa, pretendo contrastar o “controle social do tempo livre” presente nos projetos sociais esportivos, com o “controle familiar do tempo livre”, no qual, muitas vezes, uma sobrecarga de atividades (esportivas, sociais ou de diferentes tipos de aprendizados “extra-curriculares), é pensada menos em termos da formação destes jovens e mais com o objetivo de “tirar crianças e jovens da rua”, ainda que por motivos um pouco diferentes daqueles

preconceituoso) fazer uma equação juventude = risco de criminalidade, deixando de considerar as experiências da maioria de jovens pobres e moradores das áreas carentes e violentas que constroem suas trajetórias sem considerar as redes do narcotráfico alternativas para suas vidas.” (2006:115)

²⁰ Esta ideia também se encontra presente em parte da sociologia da juventude, como coloca Helena Abramo ao afirmar que os traços gerais da sociologia da juventude são: transição e crise:

“A definição de juventude passa a estar, assim marcada sobretudo pela negatividade – “o que não se é mais e ainda não se chegou a ser” (Salem, 1986) – ou pela indeterminação - “este estado incerto que vem da coexistência, da imbricação e também da distancia entre o universo infantil e o universo adulto”. Mesmo quando o período juvenil se estende e começa a ser visto como portador de uma identidade e cultura próprias, que “vêm preencher esta zona incerta (idem) essa etapa persiste sendo entendida como processo de passagem, marcado pela relatividade e ambiguidade, em relação a condição de cidadania plena do adulto.” (1994:11)

associados com o público-alvo dos projetos sociais.” (2010, pág. 3)

A filosofia paterna por trás desse tipo de controle possui duas motivações, a primeira ligada à competição acirrada imposta pelo sistema capitalista, que difunde a ideia de que para ser um vencedor não basta ser bom em uma coisa, deve-se ser bom em diversas esferas, estar sempre um passo a frente dos demais. A segunda relacionada à ideia de que o mundo da rua é um local perigoso, do qual se deve manter as crianças afastadas pelo maior tempo possível, como meio de evitar que se tornem vítimas da violência, como presente no discurso desses pais, ou de se tornarem autores de violência, possibilidade apontada tanto no discurso de diversos projetos sociais como no dos próprios pais dos jovens velejadores, que temem a associação dos filhos com as ditas más companhias, que poderiam ingressá-los nessas “gangs de playboys”, que ocasionalmente aparecem na mídia como espancadores de empregadas e tiradores de “racha” ou “peguinha”.

Um dos fatores mais apontados como preocupantes são as saídas noturnas, as “festinhas”, onde os pais temem o envolvimento com bebidas e drogas e, atrelado a isso, no caso dos meninos o envolvimento com práticas violentas, e no caso das meninas uma possível gravidez precoce. Assim, o esporte serve como uma forma de ocupar o tempo e direcionar *“toda a energia hormonal”* do adolescente para algo visto como mais produtivo.

“Ele já fez corrida, judô, e agora vela. Eu acho ótimo, aqui ele tem de acordar cedo, e se cansa bastante, quando chega em casa nem vai querer saber de sair nem nada, só quer a cama!”

Mãe de velejador de Laser de 14 anos.

Deve-se salientar, porém, que essa forma de imposição é efetuada e sentida em diversos níveis. Se por um lado há crianças que choram e fingem estar doentes para não ter de ir para o mar, há também casos como o do próprio menino descrito acima, que apesar do controle exercido pelos pais, se mostra empolgado com a prática do esporte.

Assim, não se pode falar em caminhos A ou B para a forma da prática da vela por essas crianças e jovens, onde A seria completamente obrigado pelos pais e B completamente autônomo. Os caminhos são diversos. São encontrados aqueles que velejaram e chegaram a competir na Optimist, mas sem demonstrarem interesse em dar continuidade, como me foi relatado em uma conversa com a mãe de um garoto e uma garota nesta situação:

Mãe: *Meus filhos treinaram no Optimist desde pequenos, eu acompanhava eles nas viagens de campeonatos, eles iam bem”*

Sara: *Eles continuam treinando?*

Mãe: *Não... Eles foram se distanciando, começaram a achar que não era mais interessante, querendo fazer outras coisas... e agora estão nessa fase de vestibular...*

Há também aqueles que abandonam as competições, mas continuam velejando ocasionalmente e frequentando os espaços sociais da vela e há os que dão seguimento a prática em uma nova classe. Mesmo a escolha de continuar não é completamente autônoma, uma vez que a tradição familiar ali é muito forte, sendo esperado dos filhos de velejadores que estes também sejam velejadores, o que não significa que eles não possam possuir esta ambição, apenas que este fator dificulta o afastamento.

As opções de continuidade são as classes de barcos monotipos individuais, em duplas, ou ainda de grandes veleiros oceânicos ²¹. Onde dar essa continuidade também envolve outros fatores além da afinidade com uma ou outra classe, como os financeiros: o Laser, por exemplo, é um barco cerca de três vezes mais barato que um 420 (que custa por volta de 20.000 R\$), e é disponibilizado pela escolinha para uso dos alunos, ao contrario do 420, assim para ingressar no 420 é necessário ter uma quantia maior para investir, ou encontrar alguém que possua um barco para formar dupla. Já distancia de preço entre estes dois modelos monótipos e um barco oceânico é imensa, sendo que neste caso ou a família já possui e veleja com um barco desses ou se é incorporado a uma tripulação. A tradição familiar também atua no sentido que determinadas famílias são mais ligadas a uma classe ou outra. Ambos fatores estão em certa medida relacionados, pois é mais provável que uma família com tradição na vela invista para que seus filhos sejam velejadores.

Após essa escolha de continuar na vela, as escolinhas acolherão os que optarem por barcos monotipos. Como já dito, o foco deste trabalho será dado na classe 420, que é um barco para uma tripulação de duas pessoas, maior e mais complexo que o Optimist, tendo duas velas (“grande” e “buja”) e mais a vela-balão.

Inicialmente esperava por uma mudança significativa do controle dos treinadores sobre os adolescentes, imaginava que se enquanto com as crianças esse controle passava pelo “*o seu pai está pagando para você estar aqui*” e com isso a cobrança seria mais incisiva, tendi a considerar que entre os adolescentes isso já mudaria. O que a comparação entre os dois períodos em campo me fez perceber é que este controle não diminui, muitas vezes, pelo contrario, ele aumenta, o que ocorre é que ele muda de “natureza”.

Esta mudança está baseada na troca de termos observada: na Optimist existem aulas e

²¹ Barcos de maior tripulação, que realizam regatas em mar aberto, em oposição aos monotipos que as realizam em baías mais fechadas e próximas da costa.

professores (quase que educadores), na 420 existem treinos e treinador, na primeira se aprende a velejar, na segunda buscasse potencializar a técnica almejando um objetivo maior: as grandes competições e o almejado “sonho olímpico”. Uma vez identificados com esses objetivos aqueles que participam do treino serão cobrados a altura.

Para explicar melhor essa categoria de “sonho olímpico” é necessária uma maior explicação sobre a classe 420. De forma semelhante ao Optimist ela também é vista como uma classe de transição, pois é uma classe juvenil, ou seja, nela só podem correr campeonatos aqueles com até 18 anos, sendo, portanto, também considerada como uma classe-escola, uma preparação para a inserção na classe 470, cujo barco é exatamente igual ao 420, só que maior, e que é uma das classes olímpicas da vela.

“Primeiro começa no Optimist, até os 15 anos, depois vem pro 420, corre o brasileiro, o mundial... foi isso que eu fiz... e depois segue pro 470, pra fazer campanha olímpica.”

Treinador da 420.

Essa categoria do “sonho olímpico” recoloca a questão do peso da família e da tradição familiar na vela, uma vez que a resposta à minha pergunta de que se as duas duplas ali estavam treinando com esse objetivo olímpico final bem delineado foi que *“Pelo menos a dos meninos eu sei que está: o pai do C foi medalhista olímpico.”*

Isso coloca mais um fator de distinção entre as duplas. Apesar de essa forma de treinamento ter começado nos meses de maio-junho, a dupla masculina já treinava na 420 anteriormente, recém saída campeã do Campeonato Estadual, somado a identificação do comprometimento com um fim maior que seria o “sonho olímpico” é ela que tem concentrado esperanças de vitórias para o clube. Em oposição, as meninas são por vezes referidas como *“lerdinhas”* e *“burrinhas”*, ou *“boas, mas desligadas”*. A comparação é feita de forma explícita pelo treinador durante um “esporro” após um treino de mau desempenho:

“Vocês parecem que não querem nada com nada! Parece que eu estou perdendo tempo com vocês! Se for assim me avisa logo que eu foco nos meninos... pelo menos tem alguém pra levar meu nome! Eu foco nos meninos, até o Brasileiro, depois o Mundial... Aí depois disso tudo, em 2011, eu volto a dar atenção para vocês...”

Treinador da 420



Comemoração após o campeonato Estadual de 420 - os meninos campeões (sem camisa), as meninas, o treinador e os donos da escolinha de vela do ICB. (Imagem retirada do blog da escolinha de vela e também publicada na Revista do Iate Clube Brasileiro- Ano 3 - nº 15 - Agosto 2010.) - Figura 5.

Será coincidência que a dupla “boa” seja a masculina e a “ruim” a feminina? Mais adiante tratarei sobre a questão de gênero relacionada à corporalidade.

Entre esses que permanecem na vela é claro o sentimento de que se envolver seriamente na prática esportiva os leva a uma forma de viver a adolescência diferente da dos seus amigos não velejadores:

Atleta paulista (16 anos de idade): *“Quando eu falei que vinha pro Rio meus amigos falaram que eu ia voltar bronzeadona, mal acreditaram quando eu falei que a única parte do meu corpo que ia pegar sol era o pé! Todos eles iam pro Guarujá no feriado, um amigo meu, conversando no msn, ficou revoltado quando eu disse que nunca fui pro Guarujá, nem pra Riviera! Ele começou a gritar inconformado em Capslock!”*

Isabela (15 anos de idade): *“É, minhas amigas também não entendem que eu vou passar o feriado treinando. **Eu sou velejadora.**”*

Esse diálogo ocorreu entre duas timoneiras de 420, durante uma forma de treinamento

intensiva chamada “clínica”, que ocorreu nos quatro dias do feriado de 7 de setembro de 2010 e da qual participaram mais duas duplas de fora do estado. Nele, aparece que a forma de vivenciar a adolescência sendo velejador é incompreendida pelos amigos externos, e que somente alguém que passe pela mesma vivência pode se identificar.

Essa visão de que a amizade só pode existir entre iguais é encontrada no trabalho de Cláudia Rezende (2001), no qual a autora realiza um estudo comparativo das relações de amizade entre um grupo de londrinos de classe média e entre patroas e empregadas no Rio de Janeiro. Para o primeiro grupo a igualdade se colocava como condição imprescindível para a amizade, considerando amigos aqueles que vieram do mesmo meio social e cresceram juntos com eles, e excluindo a possibilidade de fazer amizades verdadeiras no ambiente de trabalho. Já do lado das patroas e empregadas, estas consideravam a amizade possível, mesmo se vendo pertencentes a mundos diferentes, ainda que com a ressalva de que esta amizade seria distinta das que elas possuíam dentro de uma relação entendida pelas mesmas como mais horizontal.

As falas acima compõem tanto com a visão dos londrinos quanto das patroas e empregadas cariocas, uma vez que apontam para a existência de amigos fora do espaço da vela, mas que a diferença entre eles levaria a uma incompreensão, que só poderia ser apreendida por alguém em igual situação.

Ao contrário de estar relacionada com o controle social/familiar do tempo livre, este é um daqueles casos em que este se afirma a autonomia destes jovens, uma vez que estar na 420 já aponta para uma escolha – mesmo que condicionada pelos fatores já abordados - tanto de seguir na vela quanto da classe na qual fazê-la, e que a própria realização da clínica foi objeto de demanda dessas atletas.

“Escora²²! Escora que nem homem! Você não tá mais no Optimist! Laser não é um barco pra menino!”

Professor, para aluno recém saído da Optimist e ingressado na classe laser.

“Vocês tão de sacanagem comigo, né? A grande não tá caçada, vocês nem mexeram na buja... Isso não é um Optimist, porra!”

Treinador do 420.

No discurso dos professores também se encontra claramente a idéia de crescimento (como

²² Ato de segurar o cabo que controla a vela firmemente, lançando o peso do corpo para fora do barco, de forma a evitar que ele “aderne” (incline) para o lado oposto, com o qual tenta se evitar que o barco possa virar.

visto nas duas citações acima), de que a nova classe não é um lugar para crianças e que devido a isso são exigidas posturas diferentes e uma nova adaptação do corpo a essas novas exigências.

Procuro entender estas transformações exigidas nesta fase de transição a partir da reflexão sobre o nado, feita por Marcel Mauss, onde ele aborda como as técnicas de natação foram sendo modificadas com o passar do tempo:

“Por outro lado, nossa geração, aqui, assistiu uma mudança completa de técnica: vimos o nado a braçadas ser substituído pelas diferentes espécies de *crawl*. Além disso, perdeu-se o costume de engolir água e cuspi-la. Pois os nadadores se consideravam, em meu tempo, como espécies de barcos a vapor. Era estúpido, mas, enfim, ainda faço esse gesto: não consigo desembaraçar-me de minha técnica.” (2003: 402)

Assim, as crianças adquirem e adequam seus corpos às demandas da Optimist, e ao passarem a outra classe devem reformular sua técnica e reeducar esses corpos, que já introjetaram e naturalizaram uma forma específica de velejar. Diferente do caso do Mauss-nadador, essa mudança de técnica consegue ser efetuada. Assim, de uma perspectiva da Antropologia do corpo, deve-se pensar a forma como esta se dá.

O conceito de habitus, de Bourdieu, pode ser útil nessa reflexão, uma vez que ele coloca que sendo o habitus introjetado inconscientemente no indivíduo não é possível a substituição completa deste pelo contato com outro tipo de habitus, ocorrendo uma incorporação que não deixa, porém, de denunciar o habitus anterior. Assim, finaliza sua explanação sobre contato cultural e linguístico da seguinte forma:

Assim, as estruturas dos sistemas fonológicos só agem (como testemunha, por exemplo, o *sotaque* dos usuários não-nativos da língua dominante) *incorporadas* numa competência adquirida ao longo de um história particular (os diferentes tipos de bilingüismo reenviando a modos de aquisição diferentes) que implica uma surdez seletiva e reestruturações sistemáticas. (BOURDIEU, 1983-A, P. 74-75)

Se for possível pensar em um habitus-Optimist e um habitus-420 isto implicaria em que todos os atletas de 420 velejariam então com “sotaque”? Quem me ajuda a responder essa questão é Wacquant (1998), que aborda os discursos sobre esse corpo e a forma como ele é construído conscientemente pelos lutadores de boxe. A chave aí está na palavra consciente, pois ao trazer o habitus à consciência é ampliada suas possibilidades de mudança.

Voltando à distinção feita entre as duplas, essa idéia de sotaque aparece como uma das justificativas para o desempenho inferior das meninas “*Elas são boas, mas são muito desligadas. É que elas acabaram de sair do Optimist.*”. Ou seja, os meninos velejariam melhor por já terem se desvincilhado mais do habitus antigo e assumido o novo.

Apesar de nos meninos essa substituição de habitus parecer mais evidente, um fenômeno me chamou a atenção durante um treino: a todo o momento os dois timoneiros eram corrigidos sobre a forma de segurar a extensão do leme, eles a estavam segurando sobre o colo e eram corrigidos de que a forma correta seria segura-la às costas. Pareceu-me que a forma considerada errada era muito semelhante à maneira correta, ou ao menos comum, no Optimist, o que depois foi confirmado na fala do treinador:

“Leme pra trás! Leme para trás! Com o leme pra trás o barco fica mais estável! Merda de mania do Optimist!”

O que se encaixa no já apontado sobre velejar com sotaque, seria o habitus introjetado e reproduzido sem se pensar, sendo chamado a consciência pela instrução do treinador. No momento da correção eles trocavam a posição do leme, mas em momentos seguintes eram corrigidos novamente na mesma coisa, demonstrando que a substituição do habitus ainda não foi realizada por completo em nenhuma das duplas.

E isso retoma a questão já colocada: Como? Por que meio o a nova técnica, pensando com Mauss, ou o novo habitus, pensando a partir de Bourdieu, é incorporada? Novamente a combinação entre as contribuições de Bourdieu e Wacquant é útil, para pensarmos a relação entre saber prático e saber teórico.

“A constituição de um campo das práticas esportivas se acompanha da elaboração de um filosofia política do esporte. Dimensão de uma filosofia aristocrática, a teoria do amadorismo faz do esporte uma prática tão desinteressada quanto a atividade artística [...] A exaltação do esporte, escola de caráter, etc., encerra uma nuance de anti-intelectualismo.”

(Bourdieu,1983-B:140-141)

Seguindo a citação, Bourdieu trabalha com o esporte como um espaço onde o saber prático, o aprender fazendo, seria mais valorizado, questão um pouco tensionada em outro texto seu, onde diferencia classes baixas e altas, colocando que as camadas baixas tenderiam a valorizar mais esse saber prático, e as altas o saber teórico (Bourdieu, 1983-C:102). Minha pesquisa permite uma

aproximação maior com a primeira leitura, e contradiz a segunda, uma vez que o saber prático, em um espaço de camadas médias e altas como o da vela, é o mais valorizado.

A etnografia de Wacquant entre boxeadores também evidencia essa valorização da prática, uma vez que ele fala em aprender com o corpo, marcada na frase de seu informante de que *“Não se aprende a boxear nos livros, aprende-se a boxear na academia.”* (Wacquant, 2002:121).

“[...] DeeDee esforça-se para colocar em operação, de maneira empírica, por meio de ajustes sucessivos, a combinação de reprimendas sempre repisadas, a atenção silenciosa, as indiferenças ostensivas e as exortações, com a finalidade de fazer entrar o esquema prático no esquema corporal do aprendiz de pugilismo. Tudo acontece como se as instruções só tivessem por função facilitar e reforçar o efeito da manipulação do corpo, [...]”
(WACQUANT, 2002, p. 124-125)

Durante os treinos da 420 a relação entre saber prático e teórico é diferente da abordada por Wacquant e diferente também da que observei nos demais treinos de vela que acompanhei. Na 420 tanto o discurso da prática como o da teoria estão bem presentes. Se nos outros treinos que eu havia acompanhado o instrutor ficava em um bote à distância, passando apenas instruções ocasionais, postura essa semelhante a do treinador de pugilistas DeeDee, na 420 o bote acompanha o barco, com o treinador passando instruções sobre o que deve ser feito o tempo todo, como que um “bote-teórico” e um “barco-prático”.

*“Oh! Vou dar até a próxima bóia para vocês me responderem como vai ser o popa. [ninguém respondeu]
Vocês não sabem como fazer o popa? Isso foi das nossas primeiras aulas! Vocês não sabem o que é [série extensa de termos técnicos]?
Tudo bem, tudo bem... vamos voltar pra salinha de aula que eu vou botar tudo no quadro negro para vocês.”*
Treinador da 420.

Aí a teoria e a prática estão articulados, mas não deixa de haver também uma preferência pela prática, ficando a teoria como algo que “você já deveria saber” e o retorno a um espaço somente de teoria é visto como desprestigiado e punitivo.

Neste ponto se faz necessário abrir um espaço para um parêntese metodológico, deve ser problematizado aqui o espaço excessivo para o discurso das figuras do professor-instrutor-treinador, A maior concentração de minhas análises sobre estes discursos do treinador em relação àqueles dos

atletas é justificado pelo próprio lugar que assumo como pesquisadora ao ficar no bote compartilhado por essas pessoas, e por que durante os treinos os velejadores estão, afinal, fora dali velejando.

Mas isso não quer dizer que as falas aqui presentes também não sejam discursos de velejadores, pois todos eles sem exceção chegaram a seus postos através de sua legitimação como tais, o que é coerente com a relação acima abordada sobre saber prático e saber teórico nesse meio, colocando para análises posteriores o aprofundamento da questão, presente em diversos esportes, de se privilegiar aquele que “aprendeu fazendo” em detrimento de uma formação teórica, por exemplo, em Educação Física ou em cursos especializados para treinadores.

IV

Corpo e gênero

Retomando a temática da corporalidade e da sua relação com o gênero, um elemento importante na vela é o peso do velejador. Ele atua de duas formas: por um lado quanto mais pesado estiver o barco mais lento ele ficará; por outro, quanto mais pesado for o velejador maior efeito ele conseguirá em movimentos como escorar o barco. Assim, é colocada mais uma distinção entre as duplas: a das meninas é a mais leve e a dos meninos a mais pesada.

Como o vento é um fator decisivo nesse esporte é ele quem definirá qual dessas corporalidades é mais vantajosa a cada momento. Acompanhei uma regata em um dia de vento fraco, onde o posicionamento técnico foi o de focar na dupla feminina, pois nessa circunstância era ela que teria mais chances de melhor desempenho. Em dias de vento forte a vantagem seria dos meninos, por possuírem mais peso para escorar e também, segundo os discursos, por possuírem maior força física, uma vez que com o vento mais forte ela é mais necessária para controlar os cabos.

Vale enfatizar que os discursos sobre o vento também são ambíguos. Se por um lado se afirma que *“velejar com vento é fácil, sem vento é que você vê quem tem técnica”*, por outro lado há um consenso entre os velejadores em preferir os dias de mais ventos e são esses os dias mais valorizados por eles. Mesmo entre as meninas essa preferência por velejar com vento mais forte também aparece, uma vez que nos dias de baixo vento elas demoram mais para ir pra o mar, aguardando no clube *“até o vento entrar”* ou pedindo para ir em direção a mar aberto, onde o vento é mais intenso, sendo que entre elas o nível de animação por estar no mar também é diretamente proporcional a quantidade de vento. Pensando nessas ambiguidades presentes nos discursos sobre o vento, não deixa de ser significativo que o momento onde a corporalidade das meninas é valorizado seja o de menos prestígio entre os velejadores.

Na própria mudança do Optimist para outra classe o peso também aparece como fator fundamental, pois muitas vezes não é esperado que alguém complete os 15 anos para que esta seja efetuada, sendo mais observado quando o velejador já cresceu demais e ficou muito pesado para conseguir um bom desempenho naquele barco. Ou seja, a transição aí é claramente transpassada pela corporalidade adquirida, que se complementa com a classificação etária.

“Imagina a Belinha, daquele tamaninho na proa! Não ia ter jeito, ela ia sair voando, tadinha!”

Velejador do clube.

O peso também influencia na posição que o velejador irá assumir no barco, aquele que fica no leme é responsável por controlar a direção e a “grande”, e o proeiro fica na proa do barco, controlando a buja, a vela-balão e sendo responsável pelo trabalho de escora, que no 420 se dá de forma intensa, com o proeiro de pé na beira do barco, se projetando para fora, preso apenas por um gancho que ata seu colete a um cabo do barco. Devido a essa função de escora o proeiro deve ser pesado, ou ao menos o mais pesado da equipe, ou então surtirá pouco efeito, como apontado na citação acima.



No Campeonato Estadual: o momento de comemoração ao cruzar a linha de chegada, apesar de descontraído, dá uma idéia das posições assumidas por cada um dentro do barco e das distintas corporalidades. (Imagem publicada na Revista do Iate Clube Brasileiro- Ano 3 - nº 15 - Agosto 2010.) - Figura 6.

Essa determinação da função em relação ao peso é tão certa que, ao ter contato com outras duplas, sem saber previamente qual é a função de quem, é possível realizar um exercício de adivinhação das funções baseada somente na comparação de um tipo físico com o outro (se o leitor quiser ele próprio realizar esse exercício de adivinhação observe a figura 5, em especial as meninas, nas quais essa diferença é gritante).

Até este momento a discussão sobre gênero estava colada no sexo biológico, a partir desse ponto seguirei o capítulo buscando uma análise sobre as construções de gênero ali presentes

deslocada deste sexo biológico.

Em *Inventando o sexo*, Thomas Laqueur realiza uma reconstrução histórica sobre as teorias sobre o sexo ao longo dos séculos, enfatizando que pelo menos desde o séc. IV o que prevalecia era uma teoria do sexo único, na qual as mulheres eram “homens virados para dentro”, sendo aí a diferença não de espécie, mas apenas de grau: mulheres sendo significadas como homens menos perfeitos.

Esse modelo do sexo único passou a mudar por volta do final do séc. XVIII, dando lugar a um modelo de dois sexos distintos, que busca na natureza as causas para as diferenças culturais: “uma anatomia da incomensurabilidade substituiu uma metafísica de hierarquia na representação da mulher com relação ao homem” (Laqueur, 2001:17).

O objetivo de Laqueur não é a busca pela teoria mais correta sobre o sexo, e sim apontar que os discursos sobre este são produtos de construções culturais, sendo que homens e mulheres são diferentes exclusivamente dentro do discurso cultural dos dois sexos (como mostra a teoria do sexo único), sendo esta diferença histórica e cultural ela é passível de ser redefinida em cada grupo e cultura. Quebra assim a separação feita de que o gênero seria do âmbito da cultura e o sexo da natureza, colocando ambos dentro da cultura.

“O sexo, como o ser humano, é contextual. As tentativas de isolá-lo de seu meio discursivo e determinado socialmente são tão fadas ao erro como a busca do *philosophe* por uma criança verdadeiramente selvagem ou os esforços do antropólogo moderno para filtrar o cultural e deixar um resíduo de humanidade essencial.” (2001:27)

De forma semelhante a proposta de Laqueur de questionar o entendimento de sexo e cultura como coisas separadas, Butler irá desconstruir a separação entre gênero e sexo, atacando a noção de sexo pré-discursivo, e apontado o corpo como situação, não sendo possível vê-lo fora dos significados culturais. Não havendo, portanto, nenhuma essência que o gênero expressa, a autora irá trabalhar com a noção de gênero performativo:

“Os gêneros distintos são parte do que “humaniza” os indivíduos na cultura contemporânea; de fato, habitualmente punimos os que não desempenham corretamente o seu gênero. Os vários atos de gênero que criam a idéia de gênero, e sem esses atos não haveria gênero algum, pois não há nenhuma “essência” que o gênero expresse ou exteriorize, nem tão pouco um ideal objetivo ao qual aspire e porque o gênero não é um dado da realidade. Assim, o

gênero é uma construção que oculta normalmente sua gênese; o acordo coletivo tácito de exercer, produzir e sustentar gêneros distintos e polarizados como ficções culturais é obscurecido pela credibilidade dessas produções - e pelas punições que penalizam a recusa a acreditar neles; a construção obriga nossa crença em sua necessidade e naturalidade.” (2003:199).

Na etnografia realizada por Rojo (2008) entre atletas do hipismo, estas performances foram associadas à existência de dois gêneros distintos entre os praticantes, que não se relacionavam exclusivamente ao sexo de cada um ou mesmo às opções sexuais, mas sim às modalidades específicas que eles praticavam dentro do hipismo. Segundo Rojo, esses gêneros se baseiam em qual tipo de emoção e nas diversas práticas corporais que prevalecem com relação ao animal e a prática do hipismo em si. Encontrando que entre os praticantes da modalidade salto, sejam eles homens ou mulheres, o que é valorizado é a coragem, categoria que se liga ao estereótipo de “masculino”, e os praticantes do adestramento seriam caracterizados por um maior cuidado e afeição com o animal, bem como uma maior sensibilidade, estando, portanto, ligados ao estereótipo de “feminino”.

Cito essa pesquisa pelo fato de que entendo existir paralelos úteis com relação a ela em minha própria pesquisa. Minha proposta aqui é que, além da diferenciação mais latente, que venho fazendo ao longo deste trabalho entre meninos e meninas, que remeteria ao sexo biológico, minha etnografia junto aos velejadores da 420 permite fazer também uma diferenciação de gênero, semelhante a feita por Rojo, entre os timoneiros e os proeiros.

Início a construção deste argumento inspirada pelo texto de Emily Martin, onde são abordadas, de forma histórica, diversas teorias sobre o processo de fertilização, mostrando que a construção do papel dos gametas não é um discurso científico neutro, mas sim que está impregnada dos papéis sociais atribuídos aos homens e as mulheres. Assim, através do discurso científico, elementos biológicos passam a ser dotados de gênero. A grande distinção efetuada entre ambos é entre papéis ativos e passivos:

“It is remarkable how “femininely” the egg behaves and how “masculinely” the sperm. The egg is seen as large and passive. It does not move or journey, but passively “is transported”, “is swept”, or even “drifts” along the fallopian tube. In utter contrast, sperm are small, “streamlined” and invariably active. They “deliver” their genes to the egg, “activate the developmental program of the egg” and have a “velocity” that is often remarked a

upon. Their tails are “strong” and efficiently powered.”

(MARTIN, 1997: 87)²³

Ou seja, esse é um dos exemplos de estudos que apontam a identificação do masculino com o papel ativo e do feminino com o passivo, identificação que, como a própria Martin aponta, está calcada no senso comum.

Proponho na interpretação das performances de gênero que estou desenvolvendo, a utilização das categorias ativo (autoridade) e passivo (obediência), sem, no entanto, relacioná-las exclusivamente ao masculino ou ao feminino, onde o timoneiro possui o gênero ligado ao papel ativo e o proeiro ao passivo. Destaco que o uso que faço dos termos ativo e passivo é ligado exclusivamente com as respectivas posturas de autoridade e de obediência e não com a movimentação corporal dentro do barco, pois como já foi dito aqui, na 420 o proeiro é o que mais se locomove dentro do barco.

É uma soma de elementos e situações distintas dentro do campo que me levaram a construir esta perspectiva. A princípio, minhas primeiras incursões ao campo já mostravam o papel de autoridade e comando do timoneiro. É ele quem controla a direção do barco, e consequentemente é ele quem decide o melhor percurso a ser feito, cabendo ao proeiro se adaptar as condições colocadas pela escolha do timoneiro.

Durante os momentos em que minha observação se tornou efetivamente participante, e eu entrei no barco, sempre foi na condição de proeira, uma vez que era muito inexperiente para “assumir” o leme. Aqui, a própria categoria nativa “assumir” chama a atenção, ela implica na aceitação da responsabilidade de ter o barco sob o seu comando.

Outro momento distinto que reforçou essa percepção ocorreu durante o treino para a Regata Elas, no qual integrei uma tripulação de sete mulheres de um veleiro oceânico²⁴, no qual a timoneira era a dona do barco e de uma presença impressionante: de seu lugar ao timão ela controlava o barco todo, percebendo tudo que era necessário fazer, ditando ordens para toda a tripulação, me perguntando ao início se eu “*tinha medo de grito*” e advertindo que poderia ocorrer de ela me xingar durante o treino, mas que não era nada pessoal.

Elementos semelhantes foram identificados por Rodrigues Carlos (2010), que em sua

²³ Tradução livre: “É notável como o óvulo se comporta “femininamente” e o quão “masculino” é o esperma. O óvulo é visto como grande e passivo. Não se move, mas sim é passivamente “transportado”, “escorrega, ou até “deriva” pelas trompas de Falópio. Em grande contraste, o espermatozóide é pequeno, anatomicamente adequado a sua função, e invariavelmente ativo. Eles “entregam” seus genes ao óvulo, “ativam o programa de desenvolvimento do óvulo” e tem uma velocidade frequentemente comparada a de um disparo. “Suas caudas são “fortes” e eficientemente potentes.”

²⁴ No primeiro capítulo deste trabalho menciono que nessa regata corri junto a uma tripulação de quatro mulheres, porém no dia anterior à regata propriamente dita, participei de um treino em outro barco, junto com a tripulação que cito acima.

pesquisa no Projeto Grae²⁵, identifica duas formas diferentes de ser menina no Grae e, da mesma forma como aponto aqui, uma feminilidade seria ligada ao papel ativo e outra ao passivo, sendo encontradas duas feminilidades hegemônicas: as “sem frescura” e as “preguiçosas”, sendo dito das primeiras que elas “velejam que nem homem” e tendo por característica o controle do leme. Já as segundas não é questionada sua capacidade de velejar, mas sim apontado o fato de sempre a delegarem o leme ou a montagem do barco a uma figura masculina sempre que possível, postulando uma fragilização de seu corpo e comportamento.

“A B. até que está velejando bem hoje. Que será que está acontecendo?”

C. timoneiro da dupla masculina.

“Agora segue o C.! O C. É o coelho²⁶!”

Treinador da 420

Especificamente na 420 pude observar que ao se referir ao barco de uma dupla não é usado o nome de seus dois tripulantes, nem o pronome eles ou elas. Os barcos são referidos pelo nome de seus timoneiros, como nas citações acima. O que se passa nesses discursos é que o barco é o seu timoneiro.

“Às vezes a gente fica achando que o proeiro não faz nada, que quem controla o rumo do barco é o timoneiro, mas o proeiro tem o controle, se ele sai o peso o barco arriba. Com o meu proeiro a gente veleja com o leme amarrado, só com ele guiando!”

Treinador da 420.

A citação acima é de uma situação que a princípio poderia contradizer o que venho defendendo até então aqui, como se pode ver pelo seu conteúdo, mas uma análise mais ampla da

²⁵ Projeto social, sediado no bairro de Jurujuba de Niterói, que oferece aulas gratuitas de vela e cursos profissionalizantes da área náutica para crianças e jovens na faixa dos nove aos 24 anos (os cursos profissionalizantes são voltados para alunos com mais de 16 anos.) matriculados na rede pública de educação, ou que já concluíram o ensino médio na rede pública. É dividido em três formatos de atuação: Iniciação Esportiva, Iniciação Profissionalizante e Educação Complementar.

Foi criado há doze anos em parceria dos irmãos e velejadores Torben e Lars Grae e Marcelo Ferreira, contando com o apoio e patrocínio de diversas instituições públicas e privadas, entre elas, a Prefeitura de Niterói, que insere este projeto, entre outros da cidade voltados para a área esportiva, intitulado: Projeto Nomes (sobre Projeto Nomes ver DECCACHE-MAIA, Eline *Esporte e Políticas Públicas no Brasil*), que oferece aulas de diferentes modalidades esportivas em diversos núcleos espalhados pela cidade. (RODRIGUES, Gabriela.)

²⁶ Ser o coelho significa que este barco será usado como forma de demarcar o percurso em um treino onde não se esteja usando bóias.

situação em que ela foi proferida se mostra plenamente condizente com o aqui proposto.

Ela ocorreu durante um treino, onde estava sendo ensinada uma manobra que deve ser feita quando o mar está com ondas, chamada “alegoria”, que deve ser feita na descida da onda e consiste em um tranco dado simultaneamente na grande e na vela-balão, sendo que o timoneiro fica responsável pela grande e o proeiro pelo balão²⁷.

Durante essa manobra o proeiro tem um papel diferenciado do seu usual, pois é a sua movimentação corporal dentro do barco que irá ditar o rumo tomado, ele deve colocar seu peso para fora do barco para produzir o efeito de “arribar”. Tanto o proeiro como o timoneiro tiveram dificuldades de incorporar esse novo papel do proeiro, o primeiro por continuar a fazer os movimentos de direção do barco e o segundo por não perceber sua movimentação corporal como forma de controlar o rumo do barco.

Neste momento explicita-se que tanto a situação quanto a fala do treinador vem de encontro com o que venho defendendo aqui, pois o fato de ela ter sido feita, após toda a dificuldade dos velejadores em efetuarem a manobra, mostra uma necessidade deste lado ativo do proeiro ser lembrado e chamado à tona, evidenciando, portanto, que ele não é reconhecido como tal.

Importante ressaltar aqui que a perspectiva de gênero com que estou trabalhando não o pensa como um fato imutável e único, como se um pessoa vivenciasse um único gênero independente de qualquer contexto. Seguindo a perspectiva de Kondo (1990) na abordagem do tema identidade, onde não há um único Eu que se coloca na vida social - e que é contrária a defendida por Goffman (2008), onde há um único Eu essencial que se adaptaria à diversas situações sociais através da representação de papéis. Kondo coloca que o que existe são múltiplos Eu's existindo em cada espaço circunstancial da vida, sem nenhuma essência (ator) por trás deles.

Denys Chuce também se posiciona contra uma visão da identidade como algo estático, praticamente hereditário, ou relacionada exclusivamente às raízes de cada indivíduo, colocando que são as situações sociais que as colocam em jogo, reconstruindo-as:

“A identidade é uma construção que se elabora em uma relação que opõe um grupo aos outros grupos como os quais está em contato. [...]. Deve-se considerar que a identidade se constrói e reconstrói constantemente no interior das trocas sociais. Esta concepção dinâmica se opõe aquela que vê a identidade como um atributo original e permanente que não poderia evoluir. [...] Não há identidade em si, nem mesmo unicamente para si. A identidade existe sempre em relação a outra.” (2002:182-183)

²⁷ A sincronia no movimento de ambos aqui é muito importante, pois se ela não ocorrer a manobra é classificada como roubo.

Essa mesma forma de pensar identidade se aplica à maneira com que estou trabalhando gênero, portanto dizer que uma pessoa se enquadra no gênero ativo ou passivo é uma afirmação que corresponde apenas ao momento específico que estou abordando, a situação colocada dentro do barco de oposição entre proeiro e timoneiro, não se aplicando necessariamente para outros contextos fora do barco e da prática da vela, nem funcionando como um rótulo permanente de que em todos os contextos da vida social aquela pessoa será ativa ou passiva.

Tendo abordado as performances de gênero de timoneiros e proeiros irei agora trabalhar alguns mecanismos de construção da masculinidade que encontrei ali. Pois, afinal se a conhecida frase de Simone de Beauvoir “A gente não nasce mulher, *torna-se* mulher” foi devidamente criticada pela Butler (2003) no sentido de remeter a uma situação pré-discursiva, algo que se seria antes de se tornar mulher, um tipo de essência, ela tem o mérito de reconhecer o gênero como uma construção realizada através de determinados caminhos. Sendo assim proponho desenvolver aqui o espelho desta frase: não se nasce homem, *torna-se* homem.

Em certo dia de treino, em agosto de 2010, a dupla de meninas estava começando a treinar com luvas novas, um momento de teste e adaptação do novo acessório. Ao serem perguntadas pelo treinador se elas tinham servido bem, elas responderam que sim, estando somente um pouco grandes. A mim aparentou que elas estavam realmente grandes, mas o significativo aqui é que mesmo assim elas acharam as luvas boas. Próximo de onde estávamos treinava outra dupla feminina, que realiza seus treinamentos de forma independente: as duas meninas também estavam usando luvas.

A questão do uso de luvas já havia surgido em campo anteriormente, sendo elas o acessório mais polêmico em termos de ameaça a masculinidade, por motivos que adiante irei definir melhor. Tendo surgido o assunto, perguntei ao treinador se ele fazia uso delas e ele foi enfático ao dizer que não, que não gostava delas e que achava que elas dificultavam os movimentos. Nenhum dos meninos da dupla usava luvas também.

Se, por um lado, naquele dia o assunto com as meninas era uma avaliação das luvas, com os meninos era significativamente o oposto: as lesões nas mãos, provocadas pelos atritos dos cabos, que são aumentadas pelo fato da pele das mãos estar amolecida pela água. Ao se relatar essas lesões, o tom, longe de ser de um pesar sobre os sacrifícios que este esporte impõe, é de vanglória: são ressaltados os momentos e quais manobras fazem a mão “queimar”, e os demais se identificam com eles:

C.: “... depois eu tenho de caçar o cabo, a medida dele são exatas duas braçadas e meia, mas quem diz que eu consigo lembrar disso no meio da terceira: vou direto, aí ele vem queimando!”

O historiador Peter Gay (1995) nos traz um trabalho interessante para melhor compreensão dos dados de campo acima apresentados, onde ele aborda o Mensur, nome dado à instituição de duelos entre estudantes alemães do século XIX, que durante toda sua existência foi alvo de defesas apaixonadas e grandes críticas. Menos do que sua construção e influência dentro da história alemã, o Mensur nos é aqui útil por se tratar de um espaço de construção da masculinidade. Realizados no que parecem ser tavernas, diante de uma grande platéia de estudantes, estes são espetáculos sangrentos, cujo interesse está centrado em observar os ferimentos infligidos (cortes na face, lóbulos decepados, narizes talhados, pedaços de bochecha ou couro cabeludo pelos ares, etc.).

“Mas o ferimento, claro, a acariciada cicatriz é o que interessa. O objetivo de todo o exercício, afinal das contas é 'sair da universidade com tantas cicatrizes quanto possível'; pois esse desejo garante ao duelista a inveja de seus colegas, a admiração de damas desejáveis, e, ao final “uma esposa com um dote de pelo menos cinco cifras”. É por isso que 'a luta de verdade é apenas o começo da diversão. O segundo ato do espetáculo se passa na sala de curativos” (1995:19).

Na sala de curativos os ferimentos são tratados por jovens estudantes de medicina de maneira tosca, suturados na esperança de garantir uma cicatriz que permaneça ao longo de toda a vida, buscando realizar todo o procedimento da maneira mais bruta possível de forma que “A maneira com que os estudantes suportam os curativos de seus ferimentos é tão importante quanto à maneira com que os recebem.” (1995:19).

Mais adiante em seu texto, Gay aborda como o compartilhamento das mesmas angústias e medos, ligados ao “Mensur” pelos estudantes, provocava e reafirmava um sentimento de grupo e de identificação: “[...] ao jovem duelista, de sabre na mão, a sensação de que não estava sozinho e que outros já haviam sobrevivido ao ordálio.” (1995:36).

Guardadas as devidas proporções entre os ferimentos sofridos, entendo que as duas situações possuem um paralelo interessante: o motivo do repúdio ao uso de luvas está diretamente ligado com a construção da masculinidade neste espaço, para o qual a presença de bolhas e machucados nas mãos é fundamental para testemunhar toda a garra e virilidade daquele velejador. Assim, ao receber um velejador na rampa do clube, após o retorno de uma regata, é muito provável que ele venha lhe mostrando e comentando sobre as mãos.



As marcas: mãos de velejador de Laser após uma regata.

Como um espaço da construção de gênero, é fundamental apontar e debochar cada vez que um homem desvia desta norma e utiliza luvas, sendo aí o caso em que o a própria identidade é construída em oposição à outra.

Outro elemento que reforça esta visão é o de que, além das luvas, outro acessório opcional são as sapatilhas. Estas, diferentes das luvas, não possuem a função de proteção direta, e sim a de proporcionar maior aderência dos pés ao barco, sendo usada por alguns homens e mulheres. O interessante é que, por não ser um acessório de proteção, não entram nas mesmas polêmicas que as luvas. Um homem não terá sua masculinidade como alvo de brincadeiras por usá-las, nem isso chamará nenhuma atenção excepcional, sendo colocadas simplesmente dentro do gosto pessoal de cada velejador: *“uns gostam, outros não”*.

Como mostra o dialogo entre o treinador e o timoneiro e o habito de apresentar e comparar mãos após uma regata, o fato de sofrer e compartilhar os mesmo ferimentos promove um senso de companheirismo e camaradagem, marcadamente diferenciado por gênero, no qual o pertencimento ao grupo não seria possível, ao menos no mesmo nível, sem estas marcas corporais.

Durante outro treino, em determinado momento o treinador entrou no barco dos meninos, na posição de timoneiro, no lugar do Caio, para demonstrar como fazer certas manobras. Após seu retorno ao bote e da tentativa de execução de tais manobras por parte dos meninos da dupla, o treinador valorizou e destacou que o C. fez o mesmo que ele havia feito durante o seu percurso: “*devido à adrenalina alta*”, puxar o cabo da bolina com tanta força que ela afundou quase inteira. Tecnicamente isso é um erro e a bolina chegou a ser danificada, mas o fato foi caracterizado como altamente positivo.

No mesmo treino, durante um dos clássicos “esporros” nas meninas, que elas já ouvem tanto que já seguem completando as frases do treinador, essa história foi contada, assim como os casos em que a mão “queima”. Quando a timoneira disse que às vezes isso da bolina também ocorre com ela, isso não surtiu nenhum efeito de elogio. O conteúdo do “esporro” foi no sentido de que elas sabiam velejar, mas que o que faltava à elas era “*raça*”, “*garra*” e “*dar o sangue*”. Foi apontado que nem sempre é uma questão de dedicação integral “*o Pardal preferia mil vezes estar em qualquer bar do que aqui, mas dentro da água ele dá o sangue*”.

Em outros momentos Luiza, a proeira, foi criticada por demasiada delicadeza na arrumação do balão, algo que deveria ser feito de qualquer jeito, para ganhar tempo de terminar a manobra. Ela justificou o cuidado como um meio de evitar que o balão se enrolasse ao ser levantado novamente, formando o que é chamado de “sutiã”.

O que esses episódios aliados à questão já comentada sobre o não uso das luvas mostram é a valorização do que vim chamando de agressividade positiva, elemento ligado ao estereótipo de masculino, e que por assim ser é negado as meninas, e uma desvalorização da associação ao estereótipo feminino, como na crítica a delicadeza.

Escolhi usar o termo agressividade positiva pensando junto com as questões trazidas por Vale de Almeida, em sua etnografia sobre as construções de masculinidade em uma vila portuguesa, onde ele coloca que, apesar de ser valorizado o homem que bebe, gasta, sai com diversas mulheres etc., isso tudo deve ser feito de forma controlada. Esses elementos devem ser levados até o limite aceitável, mas o rompimento deste levaria a perda de masculinidade.

“A formalidade e o cultivo da palavra, contrabalançam a agressividade sexual e física, através do ideal de autocontrole, da contenção das emoções exacerbadas, e também do elogio do homem que tem graça, ou seja, que tem o dom de provocar o riso, sem ser por tolice [...]” (1995:190).

Assim também entre os velejadores é aceita e requisitada certa dose de agressividade, mas

nos casos em que ela é excedida passa a ser desprestigiada, como na situação de um garoto que era infantilizado, uma vez que a cada aula de Laser ele conseguia quebrar uma peça do barco.

V

Considerações finais

Estes são os resultados da minha pesquisa de campo entre velejadores, do qual tenho plena consciência, e acho que deve ser afirmado aqui, que é apenas um recorte na vida dessas pessoas. Não tenho nenhuma pretensão totalizante de afirmar que “os velejadores de Niterói são assim” ou mesmo que “a flotilha da 420 é assim”. A tendência a utilizar uma identidade coletiva no singular geralmente cai no depreciativo, como nos mostra Cuche (2002:189), ou pouco nos ajuda a pensar, como bem coloca Kondo:

“[...] a vivacidade e a complexidade da vida diária não podem ser abrangida pelos modelos teóricos com que nós contamos para as estruturas organizacionais: indivíduos “típicos”; significados referenciais ou invocações de nomes coletivos, tais como os japoneses.” (KONDO, 1990).

Isso coloca também uma discussão a respeito da escrita etnográfica que deve sempre ser levada em conta: não é a toa que Cardoso de Oliveira coloca como elemento fundamental do ofício do antropólogo a escrita, e devemos sempre pensar as armadilhas que ela nos coloca, uma vez que ela por vezes não consegue passar todo o cenário em que determinada frase foi dita, o recorte necessário de ser feito por vezes pode ser injusto e por fim há de se considerar a grande diferença entre uma frase dita em determinado momento e uma frase escrita isolada.

Assim efetuo uma defesa a uma figura que acabou caracterizada de forma negativa neste trabalho: a seleção de frases do treinador foi efetuada em busca de momentos limites que caracterizavam a situação e, como dito no final do segundo capítulo, minha presença no bote junto a ele me facilitou o acesso as suas colocações, o que não quer dizer que sejam expressões de um má personalidade dele, são coerentes com os demais discursos que eu ouvi, o que se confirmou em uma conversa que tive com outro professor, logo após ter iniciado os acompanhamentos na 420, quando buscava entender se a postura de “esporros” freqüentes era considerada normal:

Sara: Nossa, o T. grita tanto com aqueles meninas que eu cheguei a ficar impressionada e admirada de elas não caírem no choro.

Professor: É normal, tem gente que tem que ser assim mesmo: só

funciona no esporro”

Colocado isso, devo reafirmar minha admiração por aquelas meninas que aguentam persistentemente uma pressão tão intensa que eu nunca seria capaz de suportar. E reforço que, apesar do que foi passado da postura do treinador para com elas, há entre eles uma relação de amizade próxima, e elas o reconhecem como bom em sua função de treinador.

Durante o segundo capítulo foi apontado que a substituição dos velhos *habitus* e técnicas ainda não foi efetuada completamente em nenhuma das duplas, uma vez que elas ainda mantêm movimentos típicos da *Optimist*, mas o caminho para realizá-la já está sendo trilhado. A estratégia para isso segue o exposto nas palavras do treinador do filme *Menina de Ouro*: *“fazê-los repetir o movimento de novo, e de novo. Até eles acharem que já nasceram assim”*, o que pode ser bem evidentes em treinos que são realizados com um percurso bem curtinho de três bóias, de tal forma que mal se acabou de realizar a manobra para contornar uma já se deve começar a armar a para contornar a próxima, forçando assim que as manobras sejam feitas praticamente uma em cima da outra *“até ficar no automático”*.

“Deixa eu entrar aí pra mostrar uma coisa que eu não sei explicar”

Treinador da 420.

Na relação do saber prático com o teórico, no qual coloquei a existência de um barco-prático e um bote-teórico, vale ainda ressaltar que esses espaços se misturam e complementam nos momentos em que o treinador substitui o timoneiro do barco, e este vai para o bote. Essa situação de meia inversão serve como um aprendizado prático para o proeiro (que continua no espaço destinado a prática), e teórico para o timoneiro (que vai para o espaço destinado à teoria). Ela também diz muito sobre uma característica bastante presente a respeito das técnicas corporais ali: a dificuldade de verbalizar um movimento, que não corresponde à capacidade de efetuar-lo.

Os trabalhos de Rodrigues Carlos e Júlio Davies desenvolvidos no Projeto Graef apontam para isso também: Rodrigues, ao perguntar a um aluno como era o movimento de determinada manobra, ouviu que *“Eu não to conseguindo te explicar com palavras, mas quando eu entrar no barco eu te mostro.”*, Davies retrata situação semelhante quando perguntou sobre o procedimento de montagem do barco *“Todos os três me responderam que “de cabeça assim, falando” não conseguiam me explicar, mas que sabiam montar e poderiam me mostrar.”* (2006:34).

Na construção realizada no terceiro capítulo, que fala de um gênero timoneiro e um gênero proeiro, as ressalvas feitas no início deste capítulo também se aplicam: não se trata de afirmar todos

os timoneiros são assim nem todos os proeiros são assim, se trata apenas de uma tentativa de mapear as performances de gênero presentes naquele espaço.

Da mesma forma, também os caminhos apontados para a construção da masculinidade são apenas alguns caminhos que podem ser reapropriados e resignificados por cada indivíduo, como na possibilidade de um homem que use luvas e as reafirme como modo de mostrar que não é nesse espaço simbólico que sua masculinidade está posta em risco.

Deve-se considerar também que o espaço da vela está contido na sociedade maior que o abarca, sendo assim os valores que constroem as identidades de gênero nesse espaço estão também em muito relacionados a esta sociedade, e mesmo dentro do próprio clube aparecem outros mecanismos de definição da identidade e do gênero do velejador, através de processos de diferenciação e oposição entre os velejadores e os donos de barco a motor. Este é um processo amplo que me limitarei aqui a apenas sinalizar.

No mais espero que esta monografia possa ser vista como uma contribuição para o deslocamento que vem ocorrendo dentro da Antropologia do Esporte, em direção a uma maior abertura do leque de objetos de estudos. A predominância do futebol é compreensível uma vez que vivemos no dito “país do futebol”, mas, seguindo analogia semelhante, sendo Niterói considerada a Capital Nacional da Vela nada mais coerente que a universidade sediada nesta cidade voltasse seus olhos para este esporte, e fica a torcida para que os pesquisadores deste campo tido como secundário dentro da Antropologia olhem mais também para os esportes considerados secundários.

VI

Referências bibliográficas

- ABRAMO, Helena Wendel. *Contexto histórico e condição juvenil*. In: Cenas juvenis, Página Aberta Ltda, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. *Esboço de uma teoria da prática*. In: Pierre Bourdieu, col. Ática. São Paulo, 1983.
- _____. *O que é ser esportivo?* In: Questões de Sociologia. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero, 1983.
- _____. *Gostos de classe e estilos de vida*. In: Questões de Sociologia. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero, 1983.
- BUTLER, Judith. Problemas de gênero. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- RODRIGUES CARLOS, Gabriela.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever*. In: O trabalho do antropólogo. São Paulo: Ed. UNESP, 1998.
- CUCHE, Denys. *Cultura e identidade*. In: A noção de cultura em ciências sociais. Bauru: Edusc, 2002.
- DA MATTA, Roberto. O Ofício de Etnólogo ou Como ter Anthropological Blues. In: Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Rio de Janeiro, 1974.
- DAVIES, Júlio. *Esporte e profissionalização: um estudo de caso do projeto Grael*. Monografia de graduação. Departamento de Antropologia, UFF, 2006.
- DECCACHE-MAIA, Eline . *Esporte e Políticas Públicas no Brasil* , In: Esporte e Sociedade, número3, Jul2006/Out2006
- FARIA, Luiz César. Apostila da Escola de vela Clube Naval Charitas.
- FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. Cadernos de Campo, nº13, ano 14, São Paulo: USP, 2005 (trad. Paula Siqueira).
- FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir. Vozes: Petrópolis, 1996.
- FRIDMAN, Luiz Carlos. *A sociedade do conhecimento e a reflexividade contemporânea*. In: Vertigens pós-modernas. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- GAY, Peter. *Experiências burguesas, III. Mensur - A acariciada cicatriz*. In: O cultivo do ódio. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- GEERTZ, Clifford. *Estar lá*. In: Obras e vidas: o antropólogo como autor. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

- GOFFMAN, Erving. A representação do Eu na vida cotidiana. 15ªed. Petrópolis: Editora Vozes 2008.
- GUEDES, Simoni; OLIVEIRA FILHO, Pedro Pio; NOVAES, Roberta. Meninos e meninas no campo de futebol: concepções de gênero em um projeto social. In: GUEDES, S. (org.). *Gênero e sexualidade*. Niterói: Intertexto, 2004.
- KONDO, Dorinne. *Crafting selves*. Chicago: University of Chicago Press, 1990.
- LAQUEUR, Thomas. *Inventando o sexo*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- MAGNANI, José. *De perto e de dentro*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 17, nº 49, Junho 2002.
- MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do pacífico ocidental**: um relato do empreendimento e aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. 3ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984. (Os Pensadores)
- MARTIN, Emily. *The egg and the sperm: how science has constructed a romance based on stereotypical male-female roles*. In: LAMPHIER, L.; RAGONE, H. & ZAVELLA, P. (orgs.) *Situated lives*. New York: Routledge, 1997.
- MAUSS, Marcel. *As técnicas do corpo*. In: Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- NOVAES, Regina. *Os jovens de hoje*. In: Culturas jovens – Novos mapas do afeto. ALMEIDA, M; EUGENIO, F. (orgs). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.
- REZENDE, Cláudia. Entre mundos: sobre amizade, igualdade e diferença. In: Gilberto Velho; Karina Kuschnir. (orgs) *Mediação, cultura e cidadania*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.
- ROJO, Luiz Fernando. *Masculinidades no contexto hípico uruguaio*. 2008.
- _____. Os múltiplos significados da cidadania: estudo comparativo entre o Projeto Grael e a escola de vela do Clube Nautilus (RJ).
- WACQUANT, Lóïc. *Corpo e alma*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- _____. *Os três corpos do lutador profissional* In: LINS, Daniel (org.) *A dominação masculina revisitada*. Campinas: Papirus, 1998.
- VALE DE ALMEIDA, Miguel. *Senhores de si*. Lisboa: Ed. Fim de século, 1995.
- VELHO, Gilberto. *Biografia, trajetória e mediação*. In: Gilberto Velho; Karina Kuschnir. (orgs) *Mediação, cultura e política*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.

Referências filmográficas

EASTWOOD, Clint. Menina de ouro. (2004, Warner Bros. / Europa Filmes, 2 hr 17 min)

Referências virtuais

www.icb.org.br/ (acessado em 01/12/2010)